

Clássicos da Literatura Brasileira
Auto da Barca do Inferno
O Velho da Horta

Gil Vicente

Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Auto da Barca do Inferno

O Velho da Horta

Gil Vicente

Auto da Barca do Inferno

O Velho da Horta

Gil Vicente

Editora

Iêda Rocha

**Leitura, Adaptação e
Comentários**

Lécio Cordeiro

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Adriana Ribeiro

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Iran Elson

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2016

Impresso no Brasil

C794a Cordeiro, Lécio, 1984-

Auto da barca do inferno; O velho da horta / Gil Vicente ;
leitura, adaptação e comentários Lécio Cordeiro; ilustrações
Eduardo Schloesser, Iran Elson. 2. ed. – Recife : Prazer de Ler,
2016.

112p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. 2.
VICENTE, GIL. ca. 1464-1536? – BIOGRAFIA I. Vicente,
Gil, ca. 1464-1536? II. Schloesser, Eduardo. III. Elson, Iran
IV. Título. V. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 16-789

CDU 869.0(81)-2

CDD B869.2

ISBN: 978-85-8168-490-1

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Auto da Barca do Inferno

Auto de moralidade composto por Gil Vicente, por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e muito valoroso rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se figura que, no ponto que acabamos de espirar¹, chegamos subitamente a um rio, o qual por força havemos de passar em um dos dois batéis² que naquele porto estão, *scilicet*³, um deles passa para o paraíso e o outro para o inferno: os tais batéis, tem cada um seu arrais⁴ na proa: o do paraíso, um Anjo, e o do inferno, um arrais infernal e um companheiro.

¹ Estar vivo, ter aparência de vivo.

² Pequenas embarcações.

³ Isto é.

⁴ Comandante.



SCHLOSSER

Auto da Barca do Inferno

O primeiro interlocutor é um fidalgo que chega com um pajé, que lhe leva uma cauda muito comprida e uma cadeira de espaldas⁵. E começa o arrais do inferno antes que o fidalgo venha:

DIABO — À barca, à barca, houlá!
Que temos gentil maré!
Ora venha o caro⁶ a ré!

COMPANHEIRO — Feito, feito!

DIABO — Bem está!
Vai tu muitieramá⁷,
Estica a corda da vela
E despeja aquele banco,
Para a gente que virá.

À barca, à barca, hu-u!
Asinha⁸, que se quer ir!
Oh, que tempo de partir,
Louvores a Belzebu!
Ora, sus⁹! Que fazes tu?
Despeja todo esse leito!

COMPANHEIRO — Em boa hora! Feito, feito!

DIABO — Abaixa logo esse cu¹⁰!
Afrouxe aquele cabo logo
E lança aquela corda.

COMPANHEIRO — Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO — Oh, que caravela esta!

⁵ Encosto.

⁶ Parte inferior das vergas das velas.

⁷ Em má hora.

⁸ Sem demora; rapidamente, depressa.

⁹ Expressão para inspirar ânimo; eia, coragem.

¹⁰ Extremidade inferior de poleame, peça usada para passagem de cabos, em uma embarcação.

Põe bandeiras, que é festa.
Verga¹¹ alta! Âncora a pique!
Ó poderoso dom Anrique,
Cá vindes vós?... Que coisa é esta?...

Vem o fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO — Esta barca onde vai ora,
Que assim está apercebida?

DIABO — Vai para a ilha perdida,
E há de partir logo agora.

FIDALGO — Para lá vai a senhora?

DIABO — Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO — Parece-me isso cortiço...

DIABO — Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO — Porém, a que terra passais?

DIABO — Para o inferno, senhor.

FIDALGO — Terra é bem sem sabor.

DIABO — Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO — E passageiros achais
Para tal habitação?

DIABO — Vejo-vos eu em feição
Para ir ao nosso cais...

FIDALGO — Parece-te a ti assim.

¹¹ Peça de madeira ou metal disposta transversalmente num mastro e da qual pende vela redonda.

DIABO — Em que esperas ter guarida?

FIDALGO — Que deixo na outra vida
Quem reze sempre por mim.

DIABO — Quem reze sempre por ti?...
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
E tu viveste a teu prazer,
Cuidando cá salvar-se
Por que rezam lá por ti?

Embarcai! Hou! Embarcai,
Que haveis de ir à derradeira!
Mandai meter a cadeira,
Que assim passou vosso pai.

FIDALGO — Quê? Quê? Quê? Assim lhe vai?!

DIABO — Vai ou vem! Embarcai ligeiro!
Segundo lá escolhestes,
Assim cá vos contentai.
Pois que já a morte passastes,
Haveis de passar o rio.

FIDALGO — Não há aqui outro navio?

DIABO — Não, senhor, que este fretastes,
E primeiro que expirastes
Me destes logo sinal.

FIDALGO — Que sinal foi esse tal?

DIABO — Do que vós vos contentastes.

FIDALGO — A esta outra barca me vou.
Hou da barca! Para onde vais?
Ah, barqueiros! Não me ouvis?

Respondei-me! Houlá! Hou!...
(Por Deus, apressado estou!
Quanto a isto é já pior...
Que maluquice, com licença!
Cuidam cá que sou eu grou¹²?)

ANJO — Que quereis?

FIDALGO — Que me digais,
Pois parti tão sem aviso,
Se a barca do Paraíso
É esta em que navegais.

ANJO — Esta é; que demandais?

FIDALGO — Que me deixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar¹³,
É bem que me recolhais.

ANJO — Não se embarca tirania
Neste batel divinal.

FIDALGO — Não sei por que haveis por mal
Que entre a minha senhoria...

ANJO — Para vossa fantasia
Muito estreita é esta barca.

FIDALGO — Para senhor de tal marca
Não há aqui mais cortesia?
Venha a prancha¹⁴ e partamos!
Levai-me desta ribeira¹⁵!

¹² Espécie de ave penalta.

¹³ Terra ou castelo onde habitava a nobreza e que dava o título às famílias.

¹⁴ Espécie de ponte entre duas embarcações ou entre uma embarcação e o cais, para passagem de pessoas.

¹⁵ Margem de rio onde se construía ou reparavam navios.

Auto da Barca do Inferno

ANJO — Não vindes vós de maneira
Para ir neste navio.
Esse outro vai mais vazio:
A cadeira entrará
E o rabo caberá
E todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,
Com fumosa¹⁶ senhoria,
Cuidando na tirania
Do pobre povo queixoso.
E porque, de generoso,
Desprezastes os pequenos,
Achar-vos-eis tanto menos
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO — À barca, à barca, senhores!
Oh! Que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata
E valentes remadores!

Diz, cantando:
Vós me veniredes a la mano,
A la mano me veniredes¹⁷.

FIDALGO — Ao Inferno, todavia!
Inferno há aí para mim?
Oh triste! Enquanto vivi
Não cuidei que o aí havia:
Tive que era fantasia!
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado
E não vi que me perdia.

Venha essa prancha! Veremos
Esta barca de tristeza.

¹⁶ Vaidosa, jactanciosa.

¹⁷ "Vós vireis à minha mão, à minha mão vireis."

DIABO — Embarque vossa doçura,
Que cá nos entenderemos...
Tomareis um par de remos,
Veremos como remais,
E, chegando ao nosso cais,
Todos bem vos serviremos.

FIDALGO — Esperarei por vós aqui,
Tornarei à outra vida
Ver minha dama querida
Que se quer matar por mim.

DIABO — Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO — Isto bem certo o sei eu.

DIABO — Ó namorado sandeu¹⁸,
O maior que nunca vi!...

FIDALGO — Como poderá isso ser,
Que me escrevia mil dias?

DIABO — Quantas mentiras que lias,
E tu... Morto de prazer!...

FIDALGO — Para que escarnecer,
Quem não havia mais no bem?

DIABO — Assim vivas tu, amém,
Como te tinha que querer!

FIDALGO — Isto quanto ao que conheço...

DIABO — Pois tu expirando,
Se estava ela requebrando
Com outro de menos preço.

¹⁸ Indivíduo que age como um tolo; idiota.



SCHREISSER

FIDALGO — Dá-me licença, te peço,
Que vá ver minha mulher.

DIABO — E ela, por não te ver,
Despenhar-se-á dum cabeça¹⁹!
Quanto ela hoje rezou,
Entre seus gritos e gritas,
Foi dar graças infinitas
A quem a desassombrou.

FIDALGO — Quanto a ela, bem chorou!

DIABO — Não há aí choro de alegria?

FIDALGO — E as lástimas que dizia?

DIABO — Sua mãe ensinou...
Entrai, meu senhor, entrai:
Eis a prancha! Ponde o pé...

FIDALGO — Entremos, pois que assim é.

DIABO — Ora, senhor, descansai,
Passeai e suspirai.
Em pouco tempo virá mais gente.

FIDALGO — Ó barca, como és ardente!
Maldito quem em ti vai!

Diz o Diabo ao Moço da cadeira:

DIABO — Não entras cá! Vai-te daí!
A cadeira é cá sobeja²⁰;
Coisa que esteve na igreja
Não se há de embarcar aqui.
Cá lhe darão de marfim,

¹⁹ Cume convexo e arredondado de um monte ou de uma pequena serra.

²⁰ Abundante.

Auto da Barca do Inferno

Marchetada de dolores²¹,
Com tais modos de labores²²,
Que estará fora de si...

À barca, à barca, boa gente,
Que queremos dar à vela!
Chegar a ela! Chegar a ela!
Muitos e de boa mente!
Oh! Que barca tão valente!

Vem um onzeneiro²³, e pergunta ao arrais do inferno, dizendo:

ONZENEIRO — Para onde caminhais?

DIABO — Oh! Que má hora venhais,
Onzeneiro, meu parente!
Como tardastes vós tanto?

ONZENEIRO — Mais quisera eu lá tardar...
Na safra do apanhar²⁴
Me deu Saturno²⁵ quebranto²⁶.

DIABO — Ora muito me espanto
Não vos livrar o dinheiro!...

ONZENEIRO — Somente para o barqueiro
Não me deixaram nem tanto...

DIABO — Ora entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO — Não hei eu de aí embarcar!

²¹ Adornada de dores.

²² Trabalhos.

²³ Avarento, intrigante, mexeriqueiro.

²⁴ No momento de receber.

²⁵ Deus romano do tempo.

²⁶ Efeito malévolo.

DIABO — Oh! Que gentil reccar²⁷,
E que coizas para mim!...

ONZENEIRO — Ainda agora faleci,
Deixa-me buscar batel!

Pesar de São Pimentel,
Nunca tanta pressa vi!
E para onde é a viagem?

DIABO — Para onde tu hás de ir.

ONZENEIRO — Havemos logo de partir?

DIABO — Não cures de mais linguagem²⁸.

ONZENEIRO — Mas para onde é a passagem?

DIABO — Para a infernal comarca²⁹.

ONZENEIRO — Dix³⁰! Não vou eu em tal barca.
Esta outra é bem melhor.

Vai-se à barca do anjo, que diz:

Hou da barca! Houlá! Hou!
Haveis logo de partir?

ANJO — E onde queres tu ir?

ONZENEIRO — Eu para o paraíso vou.

ANJO — Pois eu muito fora estou
De te levar para lá.

²⁷ Medo, apreensão.

²⁸ “Não continue a conversar.”

²⁹ Região sob a jurisdição de um ou mais juizes de direito.

³⁰ Interjeição de espanto.

Auto da Barca do Inferno

Essa barca que lá está
Vai para quem tu enganou!

ONZENEIRO — Por quê?

ANJO — Porque esse bolsão
Tomará todo o navio.

ONZENEIRO — Juro a Deus que vai vazio!

ANJO — Não já no teu coração.

ONZENEIRO — Lá me fica, de rodão³¹,
Minha fazenda e alheia.

ANJO — Ó onzena³², como és feia
E filha de maldição!

Torna o onzeneiro à barca do inferno e diz:

ONZENEIRO — Houlá! Hou! Demo barqueiro!
Sabeis vós no que me apoio?
Quero lá tornar ao mundo
E trazer o meu dinheiro.
Que aquele outro marinheiro,
Porque me vê vir sem nada,
Dá-me tanta borregada³³
Como arrais lá do barreiro.

DIABO — Entra, entra e remarás!
Não percamos mais maré!

ONZENEIRO — Todavia...

DIABO — Por força é!

³¹ Em grande quantidade.

³² Avareza.

³³ Pancada.

Que te custe, cá entrarás!
Irás servir Satanás,
Pois que sempre te ajudou.

ONZENEIRO — Oh! Triste, quem me cegou?

DIABO — Cala-te, que cá chorarás.

Entrando o onzeneiro no batel, onde achou o fidalgo embarcado, diz tirando o barrete³⁴:

ONZENEIRO — Santa Joana de Valdês!
Cá é vossa senhoria?

FIDALGO — Dá ao demo a cortesia!

DIABO — Ouvis? Falai vós corteses!
Vós, fidalgos, cuidareis
Que estais na vossa pousada?
Dar-vos-ei tanta pancada
Com um remo que renegueis!

Vem Joane, o parvo³⁵, e diz ao arrais do inferno:

PARVO — Hou!

DIABO — Quem é?

PARVO — Eu sou.
É esta a naviarra³⁶ nossa?

DIABO — De quem?

PARVO — Dos tolos?

³⁴ Espécie de chapéu.

³⁵ Tolo, pouco inteligente.

³⁶ Grande navio.

Auto da Barca do Inferno

DIABO — Vossa.
Entra!

PARVO — De pulo ou de voo?
Hou! Pesar de meu avô!
Em suma: vim adoecer
E fui má hora morrer,
E nela, para mim só.

DIABO — De que morreste?

PARVO — De quê?
Samicas³⁷ de caganeira.

DIABO — De quê?

PARVO — De cagamerdeira!
Má rabugem que te dê!

DIABO — Entra! Põe aqui o pé!

PARVO — Houlá! Não tombe o zambuco³⁸!

DIABO — Entra, tolaço eunuco³⁹,
Que se nos vai a maré!

PARVO — Aguardai, aguardai, houlá!
E onde havemos nós de ir ter?

DIABO — Ao porto de Lúcifer.

PARVO — Ha-á-a...

DIABO — Ó inferno! Entra cá!

³⁷ Talvez.

³⁸ Pequena embarcação oriental.

³⁹ Sem utilidade ou função; inútil.



Auto da Barca do Inferno

PARVO — Ao inferno? Livra!
Hiu! Hiu! Barca do cornudo.
Pêro Vinagre, beicudo,
Rachador d'Alverca, huhá!

Sapateiro da Candosa!
Antrecosto⁴⁰ de carrapato!
Hiu! Hiu! Caga no sapato,
Filho da grande traição!
Tua mulher é tinhosa
E há de parir um sapo
Chantado no guardanapo!
Neto de cagarrinhosa!

Furta cebolas! Hiu! Hiu!
Excomungado nas igrejas!
Burrela, cornudo sejas!
Toma o pão que te caiu!
A mulher que te fugiu
Pra Ilha da Madeira!
Cornudo até mangueira,
Toma o pão que te caiu!

Hiu! Hiu! Lanço-te uma pulha⁴¹!
Dê-dê! Pica naquela!
Hump! Hump! Caga na vela!
Hio, cabeça de grulha⁴²!
Perna de cigarra velha,
Caganita de coelha,
Pelourinho da Pampulha!
Mija n'agulha, mija n'agulha⁴³!

Chega o Parvo ao batel do Anjo e diz:

⁴⁰ Espinhaço.

⁴¹ Praga.

⁴² Porco.

⁴³ Idiomatismos chulos.

PARVO — Hou da barca!

ANJO — Que me queres?

PARVO — Queres-me passar além?

ANJO — Quem és tu?

PARVO — Samica alguém.

ANJO — Tu passarás, se quiseres;
Porque em todos teus fazeres
Por malícia não erraste.
Tua simpleza⁴⁴ usaste
Para gozar dos prazeres.

Espera entretanto por aí:
Veremos se vem alguém,
Merecedor de tal bem,
Que deva de entrar aqui.

*Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas,
e chega ao batel infernal, e diz:*

SAPATEIRO — Hou da barca!

DIABO — Quem vem aí?
Santo sapateiro honrado,
Como vens tão carregado?

SAPATEIRO — Mandaram-me vir assim...
E para onde é a viagem?

DIABO — Para o lago dos danados.

SAPATEIRO — Os que morrem confessados
Onde têm sua passagem?

⁴⁴ Simplicidade.

Auto da Barca do Inferno

DIABO — Não cures de mais linguagem!
Esta é a tua barca, esta!

SAPATEIRO — Renegaria eu da festa
E da puta da barcagem⁴⁵!
Como poderá isso ser,
Confessado e comungado?!

DIABO — Tu morreste excomungado:
Não o quiseste dizer.
Esperavas de viver;
Calaste dois mil enganos...
Tu roubaste bem trinta anos
O povo com teu ofício.

Embarca, em má hora para ti,
Que há já muito que te espero!

SAPATEIRO — Pois digo-te que não quero!

DIABO — Que te custe, hás de ir, sim, sim!

SAPATEIRO — Quantas missas eu ouvi,
Não me hão elas de prestar?

DIABO — Ouvir missa, então roubar,
É caminho por aqui.

SAPATEIRO — E as ofertas que darão?
E as horas dos finados?

DIABO — E os dinheiros mal levados,
Que foi da satisfação?

SAPATEIRO — Ah! Não agrada ao cordovão⁴⁶,

⁴⁵ Carregamento.

⁴⁶ Tipo de couro para calçados.

Nem à puta da badana⁴⁷,
Se é esta boa traquitana⁴⁸
Em que se vê Joanantão!

Ora juro a Deus que é graça!

Vai-se à barca do anjo, que diz:

Hou da santa caravela,
Poderás levar-me nela?

ANJO — A carga te atrapalha.

SAPATEIRO — Não há mercê que me Deus faça?
Isto uxiquer⁴⁹ irá.

ANJO — Essa barca que lá está
Leva quem rouba de praça⁵⁰.
Oh! Almas embaraçadas!

SAPATEIRO — Ora eu me maravilho
Haverdes por grande estorvo
Quatro forminhas cagadas
Que podem bem ir aí acomodadas
Num cantinho desse leito!

ANJO — Se tu viveras direito,
Elas foram cá escusadas⁵¹.

SAPATEIRO — Assim que determinais
Quem vai cozer ao inferno?

ANJO — Escrito estás no caderno

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Carruagem de quatro rodas e um só assento.

⁴⁹ De qualquer modo.

⁵⁰ “Leva quem rouba descaradamente.”

⁵¹ Desnecessárias.

Das ementas infernais.

Torna-se à barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO — Hou barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo
E levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

Vem um frade com uma moça pela mão, e um broquel⁵² e uma espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou a dançar, dizendo:

FRADE — Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;
Ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:
Tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO — Que é isso, padre? Que vai lá?

FRADE — *Deo gratias*⁵³! Sou cortesão.

DIABO — Sabes também o tordião⁵⁴?

FRADE — Por que não? Como ora sei!

DIABO — Pois entrai! Eu tangerei
E faremos um serão.
Essa dama, é ela vossa?

FRADE — Por minha conta a tenho eu,
E sempre a tive de meu.

DIABO — Fizestes bem, que é formosa!
E não vos punham lá maledicência
No vosso convento santo?

⁵² Pequeno escudo redondo.

⁵³ “Graças a Deus.”

⁵⁴ Canção popular nos séculos XV e XVI.

FRADE — E eles fazem outro tanto!

DIABO — Que coisa tão preciosa...
Entrai, padre reverendo!

FRADE — Para onde levais gente?

DIABO — Para aquele fogo ardente
Que não temestes vivendo.

FRADE — Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito não me vale?

DIABO — Gentil padre mundano,
A Belzebu vos encomendo!

FRADE — Ah, Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Cristo,
Que eu não posso entender isto!
Eu hei de ser condenado?
Um padre tão namorado
E tanto dado à virtude?
Assim Deus me dê saúde,
Que eu estou maravilhado!

DIABO — Não provoque, não nos detenha.
Embarcai e partiremos:
Tomareis um par de remos.

FRADE — Não ficou isso acertado.

DIABO — Pois dada está já a sentença!

FRADE — Por Deus! Essa seria ela!
Não vai em tal caravela
Minha senhora Florença.

Auto da Barca do Inferno

Como? Por ser namorado
E folgar com uma mulher
Se há um frade de perder,
Com tanto salmo rezado?

DIABO — Ora estás bem arranjado!

FRADE — Mais estás bem arranjado!
Haveis de ser cá pingado⁵⁵...

DIABO — Devoto padre e marido.

Descobriu o frade a cabeça, tirando o capelo; e apareceu o casco⁵⁶. Diz o frade:

FRADE — Mantenha Deus esta coroa!

DIABO — Ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tínheis barrete...

FRADE — Saiba que fui da pessoa⁵⁷!
Esta espada é roloa⁵⁸
E este broquel, rolão.

DIABO — Dê, Vossa Reverência, lição
De esgrima, que é coisa boa!

Começou o frade a dar lição de esgrima com a espada e o broquel, que eram de esgrimir, e diz desta maneira:

FRADE — *Deo gratias!* Demos caçada⁵⁹!
Para sempre contra sus!

⁵⁵ Refere-se ao castigo em que se pinga óleo quente na pele.

⁵⁶ Couro cabeludo.

⁵⁷ “Saiba que fui notado por minha coragem!”

⁵⁸ Referência ao corajoso espadachim Roland.

⁵⁹ Lutemos.



Um fendente⁶⁰! Ora sus!

Esta é a primeira levada.
Alto! Levantai a espada!
Talho largo, e um revés⁶¹!
E logo recolher os pés,
Que todo o resto não é nada!

Quando o recolher se tarda
O ferir não é prudente.
Ora, sus! Muito largamente,
Cortai na segunda guarda!
— Guarde-me Deus da espingarda
Mais de homem corajoso.
Aqui estou tão bem guardado
Como a palha na sela.

Saio com meia espada...
Hou lá! Guardai as queixadas!

DIABO — Oh, que valentes levadas⁶²!

FRADE — Ainda isto não é nada...
Demos outra vez caçada!
Contra sus e um fendente,
E, cortando largamente,
Eis aqui seista feitada⁶³.

Daqui saio com uma guia
Esta é quinta verdadeira.
E um revés da primeira:
— Oh! Quantos daqui feria!
Padre que tal aprendia

⁶⁰ Golpe de esgrima.

⁶¹ Idem.

⁶² Investidas, golpes.

⁶³ Golpe de esgrima.

No inferno há de haver pingos⁶⁴?
Ah! Não agrada a São Domingos
Com tanta descortesia!

Tornou a tomar a moça pela mão, dizendo:

FRADE — Vamos à barca da Glória!

Começou o frade a fazer o tordião e foram dançando até o batel do anjo desta maneira:

FRADE — Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
Rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.
Huhá!

Deo gratias! Há lugar cá
Para minha reverência?
E a senhora Florença
Por minha causa entrará lá!

PARVO — Andar, muitieramá!
Furtaste esse trinchão⁶⁵, frade?

FRADE — Senhora, dá-me à vontade
Que este feito mal está.

Vamos onde havemos de ir!
Não agrada a Deus com a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira
Senão, enfim... Concluir.

DIABO — Haveis, padre, de vir.

FRADE — Agasalhai-me lá Florença,
E cumpra-se esta sentença:
Ordenemos de partir.

⁶⁴ Referência ao castigo com óleo fervente.

⁶⁵ Instrumento com que se trincha; espada.

Auto da Barca do Inferno

Tanto que o frade foi embarcado, veio uma alcoviteira⁶⁶, por nome Brízida Vaz, a qual chegando à barca infernal, diz desta maneira:

BRÍZIDA — Houlá da barca, houlá!

DIABO — Quem chama?

BRÍZIDA — Brízida Vaz.

DIABO — E aguarda-me, rapaz?
Como não vem ela já?

COMPANHEIRO — Diz que não há de vir cá
Sem Joana de Valdês.

DIABO — Entrai vós, e remareis.

BRÍZIDA — Não quero eu entrar lá.

DIABO — Que saboroso reçar!

BRÍZIDA — Não é essa barca que eu cato⁶⁷.

DIABO — E trazeis vós muito fato⁶⁸?

BRÍZIDA — O que me convém levar.

DIABO — Que é o que haveis de embarcar?

BRÍZIDA — Seiscentos virgos⁶⁹ postiços⁷⁰
E três arcas de feitiços
Que não podem mais levar.

⁶⁶ Mulher que mexerica; intrigante, **leva e traz**.

⁶⁷ Busco.

⁶⁸ Bagagem.

⁶⁹ Hímens.

⁷⁰ Falsos, artificiais.

Três armários de mentir,
E cinco cofres de loucuras,
E alguns furtos alheios,
Assim em joias de vestir,
Guarda-roupa de cobertas,
Enfim, casa movediça;
Um estrado⁷¹ de cortiça
Com duas colchas de cobrir.

A maior carga que é:
Essas moças que vendia.
Desta mercadoria
Trago eu muita, à bofé⁷²!

DIABO — Ora ponde aqui o pé...

BRÍZIDA — Hui! E eu vou para o paraíso!

DIABO — E quem disse a ti isso?

BRÍZIDA — Lá hei de ir desta maré.

Eu sou uma mártir tal!...
Açoites tenho levados
E tormentos suportados
Que ninguém me foi igual.
Se fosse ao fogo infernal,
Lá iria todo o mundo!
A esta outra barca, cá fundo,
Me vou, que é mais real.

Chegando à Barca da Glória, diz ao anjo:

BRÍZIDA — Barqueiro mano, meus olhos,
Prancha a Brízida Vaz!

⁷¹ Pequeno banco em que se descansam os pés.

⁷² “De verdade!; Pode crer!”

ANJO — Eu não sei quem te cá traz...

BRÍZIDA — Peço-vos de joelhos!
Cuidais que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou aquela preciosa
Que dava às moças cuidados,
A que criava as meninas
Para os cônegos⁷³ da Sé...

Passai-me, por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas⁷⁴,
Olho de perolazinhas finas!
E eu sou apostolada⁷⁵,
Angelizada⁷⁶ e martirizada⁷⁷,
E fiz coisas muito divinas.

Santa Úrsula⁷⁸ não converteu
Tantas moçoilas como eu:
Todas salvas por mim
Que nenhuma se perdeu.
E prove Àquele do Céu
Que todas acharam dono.
Cuidais que dormia eu sono?
Nem ponto de mim se perdeu!

ANJO — Ora, vai lá embarcar,
Não estejais importunando!

BRÍZIDA — Pois estou vos contando
O porquê me haveis de levar.

⁷³ Clérigos, sacerdotes.

⁷⁴ Espécie de flor; margarida.

⁷⁵ Doutrinada, evangelizada por apóstolo.

⁷⁶ Que tem o merecimento dos anjos; pura como um anjo.

⁷⁷ Que sofreu como mártir.

⁷⁸ Padroeira dos jovens, órfãos e virgens.



Auto da Barca do Inferno

ANJO — Não fiques a importunar,
Que não podes vir aqui.

BRÍZIDA — E que má hora eu servi,
Pois não me há de aproveitar!

Brízida Vaz volta à barca do inferno, dizendo:

BRÍZIDA — Hou barqueiros da má hora,
Que é da prancha, que eis me vou?
E já há muito que aqui estou,
E pareço mal cá de fora.

DIABO — Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida;
Se vivestes santa vida,
Vós o sentireis agora...

Tanto que Brízida Vaz embarcou. Veio um judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

JUDEU — Que vai cá? Hou marinheiro!

DIABO — Oh! Que má hora vieste!...

JUDEU — Trazes esta barca que preste?

DIABO — Esta barca é do barqueiro.

JUDEU — Passai-me por meu dinheiro.

DIABO — E o bode há cá de vir?

JUDEU — Pois também o bode há de vir.

DIABO — Que escusado passageiro!

JUDEU — Sem bode, como irei lá?

DIABO — Nem eu passo cabrões⁷⁹.

JUDEU — Eis aqui quatro tostões
E mais este aqui pagará.
Por vida do Semifarã⁸⁰
Que me passeis o cabrão!
Quereis mais outro tostão?

DIABO — Nem tu há de vir cá.

JUDEU — Porque não irá o judeu
Onde vai Brízida Vaz?
Ao senhor meirinho⁸¹ apraz⁸²?
Senhor meirinho, irei eu?

DIABO — E ao fidalgo, quem lhe deu...

JUDEU — O mando⁸³, dizeis, do batel?
Corregedor⁸⁴, coronel,
Castigai este sandeu!

PARVO — Azará⁸⁵, pedra miúda,
Lodo, chanto⁸⁶, fogo, lenha,
Caganeira que te venha!
Má corrença⁸⁷ que te acuda!
Pelo Deus, que te sacuda
Com a beca nos focinhos!

⁷⁹ Bodes.

⁸⁰ Nome do personagem judeu.

⁸¹ Funcionário da justiça.

⁸² Agrada.

⁸³ Recomendação, ordem, mandamento.

⁸⁴ Magistrado que tem jurisdição sobre todos os outros juízes de uma comarca.

⁸⁵ Infortúnio.

⁸⁶ Pranto.

⁸⁷ **Diarreia.**

Auto da Barca do Inferno

Fazes troça dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda!

Furtaste chicote, cabrão?
Pareceis vós a mim
Gafanhoto d'Almeirim
Chacinado⁸⁸ em um seirão⁸⁹.

DIABO — Judeu, lá te passarão,
Porque vão mais despejados.

PARVO — E ele mijou nos finados
Na igreja de São Gião!

E comia a carne da panela
No dia de Nosso Senhor!
E aperta o salvador⁹⁰,
E mija na caravela!

DIABO — Sus, sus! Demos à vela!
Vós, judeu, irás à toa⁹¹,
Que sois muito ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela⁹²!

Vem um corregedor, carregado de feitos⁹³, e, chegando à barca do inferno, com sua vara⁹⁴ na mão, diz:

CORREGEDOR — Hou da barca!

DIABO — Que quereis?

CORREGEDOR — Está aqui o senhor juiz?

⁸⁸ Morto, assassinado.

⁸⁹ Cera.

⁹⁰ Pênis.

⁹¹ Cabo com que uma embarcação reboca outra.

⁹² Conversa longa e despreziosa; tagarelice.

⁹³ Processo ou o conjunto dos autos de uma causa.

⁹⁴ Antiga insígnia de juízes.

DIABO — Oh, amador de perdiz!
Gentil carga trazeis!

CORREGEDOR — No meu ar conhecereis
Que não é ela do meu jeito.

DIABO — Como vai lá o direito?

CORREGEDOR — Nestes feitos o vereis.

DIABO — Ora, pois, entrai. Veremos
Que o diz aí nesse papel...

CORREGEDOR — E onde vai o batel?

DIABO — No inferno vos poremos.

CORREGEDOR — Como? À terra dos demos
Há de ir um corregedor?

DIABO — Santo descorregedor,
Embarcai, e remaremos!

Ora, entrai, pois que viestes!

CORREGEDOR — *Non est de regulae juris*⁹⁵, não!

DIABO — *Ita, Ita*⁹⁶! Dai cá a mão!
Remaremos um remo destes.
Fazei de conta que nascestes
Para nosso companheiro.
— Que fazes tu, barzoneiro⁹⁷?
Faze-lhe essa prancha prestes⁹⁸!

CORREGEDOR — Oh! Renego da viagem

⁹⁵ “Não está de acordo com a lei”.

⁹⁶ “Assim, assim!”

⁹⁷ Ocioso, preguiçoso.

⁹⁸ Ligeiro, depressa.

E de quem me há de levar!
Há aqui meirinho do mar?

DIABO — Não há tal costumagem.

CORREGEDOR — Não entendo esta barcagem,
Nem *hoc nom potest esse*⁹⁹.

DIABO — Se ora vos parecesse
Que não sei mais que linguagem...

Entraí, entraí, corregedor!

CORREGEDOR — Hou! *Videtis qui petatis*¹⁰⁰
*Super jure magestatis*¹⁰¹
Tem vosso mando vigor?

DIABO — Quando éreis ouvidor
Nonne accepistis rapina^{102?}
Pois ireis pela bolina¹⁰³
Onde nossa mercê for...

Oh! Que isca esse papel
Para um fogo que eu sei!

CORREGEDOR — *Domine, memento mei*^{104!}

DIABO — *Non es tempus*¹⁰⁵, bacharel!
*Imbarquemini in batel*¹⁰⁶
*Quia judicastis malitia*¹⁰⁷.

⁹⁹ “Isso não pode ser.”

¹⁰⁰ “Vede o que me pedes.”

¹⁰¹ “Acima do direito de majestade.”

¹⁰² “Acaso não aceitaste roubo?”

¹⁰³ Navegação com o vento de viés.

¹⁰⁴ “Senhor, lembra-te de mim!”

¹⁰⁵ “Não é tempo.”

¹⁰⁶ “Sereis embarcado no batel.”

¹⁰⁷ “Porque apreciaste fraude.”

CORREGEDOR — *Semper ego justitia
Fecit*¹⁰⁸, e de bom nível.

DIABO — E as peitas¹⁰⁹ dos judeus
Que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR — Isso eu não o tomava
Eram lá percalços seus.
Não são *peccatus meus*¹¹⁰,
*Peccavit uxore mea*¹¹¹.

DIABO — *Et vobis quoque cum ea*¹¹²,
Não *temuistis*¹¹³ Deus.

A largo modo adquiristes
*Sanguinis laboratorum*¹¹⁴
*Ignorantis peccatorum*¹¹⁵.
*Ut quid eos non audistis*¹¹⁶?

CORREGEDOR — Vós, arrais, *nonne legistis*¹¹⁷
Que o dar quebra os penedos¹¹⁸?
Os direitos estão quedos¹¹⁹,
*Sed aliquid tradidistis*¹²⁰...

DIABO — Ora entrai, nos negros fados¹²¹!
Ireis ao lago dos cães

¹⁰⁸ “Sempre fiz justiça.”

¹⁰⁹ Presentes oferecidos como suborno.

¹¹⁰ “Pecados meus.”

¹¹¹ “Pecou minha senhora.”

¹¹² “E vós também com ela.”

¹¹³ “Temestes.”

¹¹⁴ “Sangue dos trabalhadores.”

¹¹⁵ “Pecadores ignorantes.”

¹¹⁶ “Quantas vezes não os ouvistes?”

¹¹⁷ “Nunca lestes.”

¹¹⁸ Pedras grandes; rochedos.

¹¹⁹ Detidos, suspensos.

¹²⁰ “Mas realmente traístes...”

¹²¹ Destinos, sortes.

Auto da Barca do Inferno

E vereis os escrivães
Como estão tão prosperados.

CORREGEDOR — E na terra dos danados
Estão os evangelistas?

DIABO — Os mestres das burlas¹²² vistas
Lá estão bem fraguados¹²³.

*Estando o corregedor nesta conversa com o arrais infernal,
chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o corregedor
ao procurador:*

CORREGEDOR — Ó senhor procurador!

PROCURADOR — Beijo vossas mãos, juiz!
Que diz esse arrais? Que diz?

DIABO — Que sede bom remador.
Entrai, bacharel doutor,
E ireis dando na bomba¹²⁴.

PROCURADOR — E este barqueiro zomba...
Gracejais de zombador?

Essa gente que aí está
Para onde a levais?

DIABO — Para as penas infernais.

PROCURADOR — Dix! Não vou eu para lá!
Outro navio está cá,
Muito melhor assombrado.

¹²² Zombarias, logros.

¹²³ Penalizados, amargurados.

¹²⁴ Nos navios antigos, equipamento manual para esgotar os porões.

DIABO — Ora estás bem aviado¹²⁵!
Entra, muitieramá!

CORREGEDOR — Confessastes, doutor?

PROCURADOR — Bacharel sou... Dou-me ao Demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós, senhor corregedor?

CORREGEDOR — Eu muito bem me confessei,
Mas tudo quanto roubei
Encobri ao confessor...
Porque, se o não tornais,
Não vos querem absolver,
E é muito mau de volver¹²⁶
Depois que o apanhais.

DIABO — Pois por que não embarcais?

PROCURADOR — *Quia speramus in Deo*¹²⁷.

DIABO — *Imbarquemini in barco meo*¹²⁸...
Para que *esperatis*¹²⁹ mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o corregedor ao anjo:

CORREGEDOR — Ó arrais dos gloriosos,
Passai-nos neste batel!

ANJO — Oh! Pragas para papel,
Para as almas odiosos!

¹²⁵ Apressado.

¹²⁶ Voltar.

¹²⁷ “Porque esperamos em Deus.”

¹²⁸ “Embarcarás no meu barco...”

¹²⁹ “Esperais.”

Auto da Barca do Inferno

Como vindes preciosos,
Sendo filhos da ciência!

CORREGEDOR — Oh! *Habeatis*¹³⁰ clemência
E passai-nos como vossos!

PARVO — Hou, homens dos breviários¹³¹,
*Rapinastis coelhorum*¹³²
*Et pernis perdigotorum*¹³³
E mijais nos campanários¹³⁴!

CORREGEDOR — Oh! Não nos sejais contrários,
Pois não temos outra ponte!

PARVO — *Belequinis ubi sunt*¹³⁵?
*Ego latinus macairos*¹³⁶.

ANJO — A justiça divinal
Vos manda vir carregados
Porque vades embarcados
Nesse batel infernal.

CORREGEDOR — Oh! Não agrada a São Marçal!
Com ribeira, nem com o rio!
Cuidam lá que é desvario
Haver cá tamanho mal!

PROCURADOR — Que ribeira é esta tal!

PARVO — Parecei-me vós a mim

¹³⁰ “Tenhais.”

¹³¹ Livros que reúnem os ofícios que os sacerdotes católicos rezam diariamente.

¹³² “Roubastes os coelhos.”

¹³³ “E as pernas dos perdizes.”

¹³⁴ Torres das igrejas onde ficam os sinos.

¹³⁵ “Oficiais da justiça onde moras?”

¹³⁶ “Eu falo latim errado.”

Como cagado nebri¹³⁷,
Mandado no Sardeal.
*Embarquetis in zambuquis*¹³⁸!

CORREGEDOR — Venha a negra prancha cá!
Vamos ver este segredo.
PROCURADOR — Diz um texto do Degredo¹³⁹...

DIABO — Entrai, que cá se dirá!

E tanto que foram dentro no batel dos condenados, disse o corregedor a Brízida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR — Oh! Estai muitieramá,
Senhora Brízida Vaz!

BRÍZIDA — Já sequer estou em paz,
Que não me deixáveis lá.
Cada hora sentenciada:
“Justiça que manda fazer...”

CORREGEDOR — E vós... Tornar a tecer
E urdir outra meada¹⁴⁰.

BRÍZIDA — Dizei, juiz d'alçada:
Vem lá Pêro de Lisboa¹⁴¹?
Levá-lo-emos à toa
E irá nesta barcada.

Vem um homem que morreu enforcado e, chegando ao batel dos mal-aventurados, disse o arrais, tanto que chegou:

DIABO — Venhais embora, enforcado!

¹³⁷ Espécie de falcão.

¹³⁸ “Embarcai no zambuco!”

¹³⁹ Texto do direito canônico.

¹⁴⁰ “Tornar a tecer e urdir outra meada:” se envolver em outra empreitada.

¹⁴¹ Escrivão da Corte.

Que diz lá Garcia Moniz¹⁴²?

ENFORCADO — Eu te direi que ele diz:
Que fui bem-aventurado
Em morrer dependurado
Como o tordo¹⁴³ na buiz¹⁴⁴,
E diz que os feitos que eu fiz
Me fazem canonizado.

DIABO — Entra cá, governarás
Até as portas do inferno.

ENFORCADO — Não é essa a nau que eu governo.

DIABO — Mando-te eu que aqui irás.

ENFORCADO — Oh! Não agrada a Barrabás!
Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz
São livres de Satanás...

E disse que a Deus prouvera
Que fora ele o enforcado;
E que fosse Deus louvado
Que em boa hora eu cá nascera;
E que o Senhor me escolhera;
E por bem vi beleguins¹⁴⁵.
E com isto mil latins,
Muito lindos, feitos de cera.

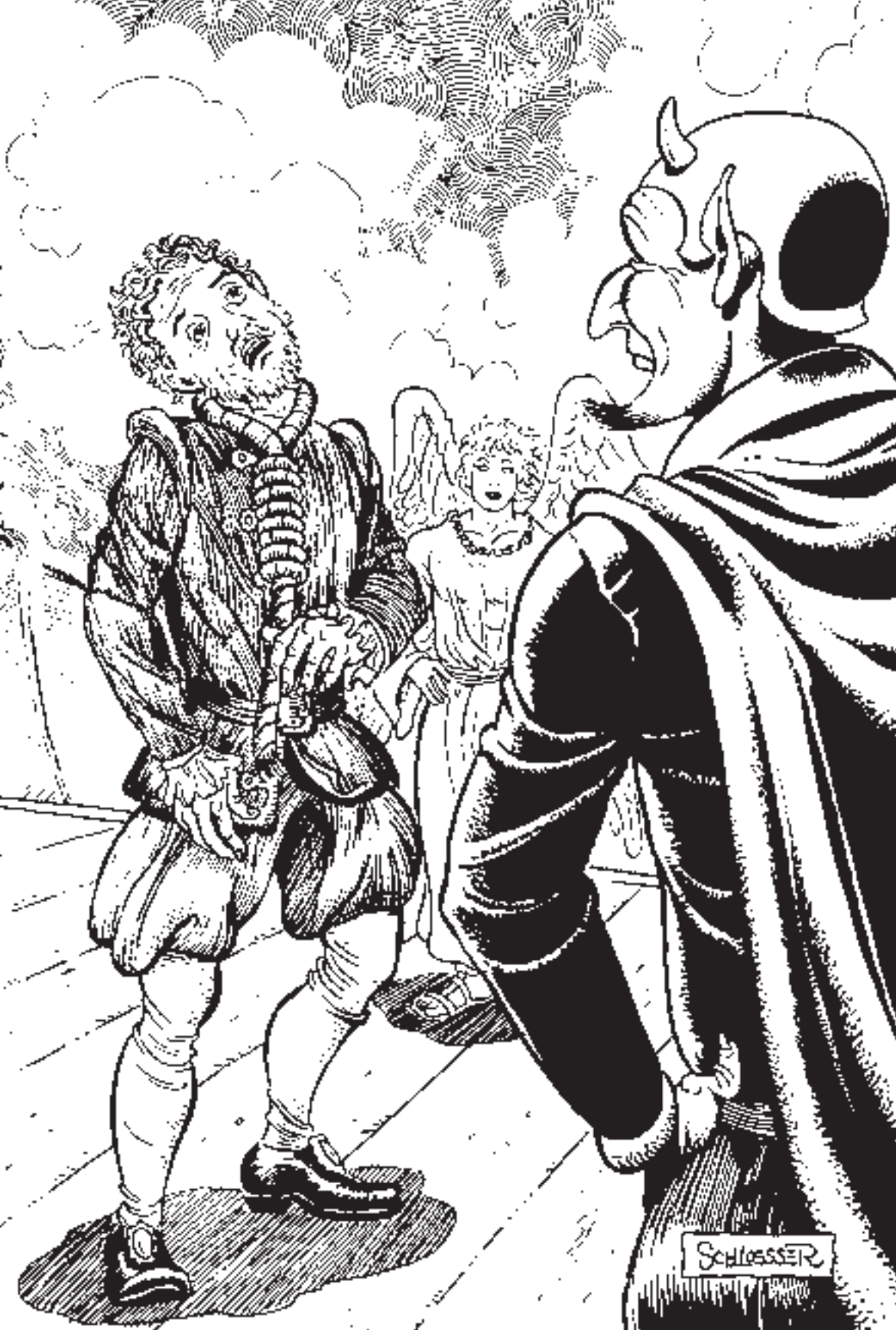
E, no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos
Que o lugar dos escolhidos
Era a forca e o limoeiro;

¹⁴² Tesoureiro da Casa da Moeda de Lisboa, contemporâneo de Gil Vicente.

¹⁴³ Espécie de pássaro.

¹⁴⁴ Armadilha.

¹⁴⁵ Anjos.



SCHLOSSER

Auto da Barca do Inferno

Nem guardião do mosteiro
Não tinha tão santa gente
Como Afonso Valente¹⁴⁶
Que é agora carcereiro.

DIABO — Dava-te consolação
Isso, ou algum esforço?

ENFORCADO — Com o barço¹⁴⁷ no pescoço,
Muito mal presta a pregação...
E ele leva a devoção
Que há de tornar a jantar...
Mas quem há de estar no ar
Aborrece-lhe o sermão.

DIABO — Entra, entra no batel,
Que ao inferno hás de ir!

ENFORCADO — O Moniz há de mentir?
Disse-me que com São Miguel
Jantaria pão e mel
Tanto que fosse enforcado.
Ora, já passei meu fado,
E já feito é o burel¹⁴⁸.

Agora não sei que é isso:
Não me falou em ribeira,
Nem barqueiro, nem barqueira,
Senão — logo ao paraíso.
Isto muito em seu siso¹⁴⁹.
E era santo o meu barço...
Eu não sei que aqui faço:
Que é desta glória improviso?

¹⁴⁶ Personagem da Corte.

¹⁴⁷ Corda usada para enforçar réus.

¹⁴⁸ Sentimento de pesar; luto.

¹⁴⁹ Juízo.

DIABO — Falou-te no purgatório?

ENFORCADO — Disse que era o limoeiro,
E ora por ele o salteiro
E o pregão vitatório¹⁵⁰;
E que era muito notório
Que àqueles deciprinados¹⁵¹
Eram horas dos finados
E missas de São Gregório¹⁵².

DIABO — Quero-te desenganar:
Se o que disse tomarás,
Certo é que te salvarás.
Não o quiseste tomar...

— Alto! Todos a tirar,
Que está em seco o batel!

— Saí vós, Frei Babriel!
Ajudai ali a botar!

Vêm quatro cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrescentamento de Sua santa fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos¹⁵³ a culpa e pena por privilégio que os que assim morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja¹⁵⁴. E a cantiga que assim cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:

*À barca, à barca segura,
Barca bem guarnecida¹⁵⁵,
À barca, à barca da vida!*

Senhores que trabalhais

¹⁵⁰ Pregão que era lançado antes da execução de um condenado.

¹⁵¹ Castigos.

¹⁵² Missas onde se rezam pela alma dos defuntos.

¹⁵³ Que foram perdoados, absolvidos.

¹⁵⁴ Papas.

¹⁵⁵ Ornada; fortalecida.

Auto da Barca do Inferno

*Pela vida transitória,
Memória, por Deus, memória
Deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!*

*Vigiai-vos, pecadores,
Que, depois da sepultura,
Neste rio está a ventura
De prazeres ou dolores!
À barca, à barca, senhores,
Barca muito nobrecida,
À barca, à barca da vida!*

E, passando diante da proa do batel dos danados assim cantando, com suas espadas e escudos, disse o arrais da perdição desta maneira:

DIABO — Cavaleiros, vós passais
E não perguntais onde vais?

1º CAVALEIRO — Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais!

2º CAVALEIRO — Vós que nos demandais?
Sequer conhece-nos bem:
Morremos nas Partes d'Além¹⁵⁶,
E não queirais saber mais.

DIABO — Entrai cá! Que coisa é essa?
Eu não posso entender isto!

CAVALEIROS — Quem morre por Jesus Cristo
Não vai em tal barca como essa!

Tornaram a prosseguir, cantando, seu caminho direito à

¹⁵⁶ Referência às batalhas contra os mouros.

barca da Glória. Quando chegam, diz o anjo:

ANJO — Ó cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
Mártires da Santa Igreja,
Que quem morre em tal peleja
Merece paz eternal.

E assim embarcam.

O Velho da Horta

Esta farsa¹ tem como argumento um homem honrado e muito rico, já velho, que tinha uma horta. Certa manhã, andando distraído pela plantação, deparou-se com uma moça de muito bom parecer que veio buscar hortaliças, mas não encontrou o hortelão². Prontamente o velho se apaixonou por ela e, por via de uma alcoviteira³, gastou toda a sua fazenda. A alcoviteira foi açoitada, e a moça casou honradamente. Entra logo o velho rezando pela horta. Foi representada ao muito sereníssimo Rei D. Manuel, o primeiro desse nome. Era do senhor de 1512.

PERSONAGENS

VELHO

MOÇA

PARVO

MULHER DO VELHO

ALCOVITEIRA

¹ Pequena peça cômica popular, com poucos personagens e ação simples, em que se inseriam canções.

² Indivíduo que cuida da horta.

³ Mulher mexerica, intrigante, **leva e traz**.

ALCAIDE
BELEGUINS
MOCINHA

(Entra o velho pela horta, rezando:)

VELHO — Pater noster criador,
Qui es in coelis, poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor,
Nos céu e terra piedoso.
Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra;
Voluntas tua se faça
Sicut in coelo et in terra.
Panem nostrum, que comemos,
Quotidianum teu é;
Escusá-lo não podemos;
Ainda que o não merecemos
Tu da nobis hodie.
Dimitte nobis, Senhor,
Debita nossos erros
Sicut et nos, por teu amor,
Demittimus qualquer erro,
Aos nossos devedores.
Et ne nos, Deus, te pedimos,
Inducas, por nenhum modo,
In tentationem cáimos;
Porque fracos nos sentimos
Tornados de triste lodo.
Sed libera nossa fraqueza,
Nos a malo nesta vida.
Amen, por tua graça,
E nos livre tua alteza
Da tristeza sem medida.⁴

⁴ Pai, nosso criador, / que estás nos céus, poderoso, / santificado, Senhor, / o teu nome vencedor, / nos céus e na terra piedoso, / vem a tua graça, / teu reino sem mais guerra; / tua vontade se faça / tanto no céu como terra. / O

(Entra a moça na horta. O velho lhe diz:)

VELHO — Senhora, benza-vos Deus!

MOÇA — Deus vos mantenha, senhor.

VELHO — Onde se criou tal flor?

Eu diria que nos céus.

MOÇA — Mas no chão.

VELHO — Pois damas se acharão

Que não são vosso sapato!

MOÇA — Ai! Como isso é tão vão,

E como as lisonjas são

De barato!

VELHO — Que buscais vós cá, donzela,

Senhora, meu coração?

MOÇA — Vinha ao vosso hortelão,

Por cheiros para a panela.

VELHO — E a isso

Vinde vós, meu paraíso.

Minha senhora, e nada não?

MOÇA — Vistes vós! Segundo isso,

Nenhum velho não tem siso⁵

natural.

VELHO — Ó meus olhinhos garridos⁶!

Minha rosa! Meu arminho⁷!

MOÇA — Onde é vosso ratinho⁸?

pão nosso que comemos / cotidiano teu é / recusá-lo não podemos; / ainda que não o mereçamos, / tu nos dá hoje. / Perdoa-nos, Senhor, / os nossos erros, / como nós, por teu amor, / perdoamos qualquer erro / dos nossos devedores. / A ti, Deus, pedimos / conduz para que em nenhum modo / caíamos em tentação; / porque fracos nos sentimos, / tornados de triste lodo. / Mas libera nossa fraqueza, / dos males desta vida. / Amém, por tua graça, / e nos livre tua alteza / da tristeza sem medida.

⁵ Bom senso, tino, juízo.

⁶ Elegantes, graciosos.

⁷ Mamífero de pequeno porte cuja pelagem é bastante apreciada como símbolo de realeza.

⁸ Homem de condição inferior.

Não tem os cheiros colhidos?

VELHO — Tão depressa vinde vós,

Minha condessa,

Meu amor, meu coração!

MOÇA — Jesus! Jesus! Que coisa é essa?

E que prática tão avessa da razão!

VELHO — Falai, falai doutra maneira:

Mandai-me dar a hortaliça.

VELHO — Grande fogo de amor me atija,

Oh, minha alma verdadeira!

MOÇA — E essa tosse?

Amores de sobreposse⁹

Serão os da vossa idade:

O tempo vos tirou a posse.

VELHO — Mas amo como se moço fosse

Com a metade.

MOÇA — E qual será a desastrada

Que atende vosso amor?

VELHO — Oh, minha alma e minha dor,

Quem vos tivesse furtada!

MOÇA — Que prazer!

Quem vos isso ouvir dizer

Cuidará que estais vivo,

Ou que sois para viver!

VELHO — Vivo não quero ser,

Mas cativo!

MOÇA — Vossa alma não é lembrada

Que vos despede esta vida?

VELHO — Vós sois minha despedida,

Minha morte antecipada.

MOÇA — Que galante!

Que rosa! Que diamante!

Que preciosa perla¹⁰ fina!

VELHO — Oh, fortuna triunfante!

⁹ Em excesso, demasiado.

¹⁰ Pérola.

Quem meteu um velho amante
Com menina!
O maior risco da vida
E mais perigoso é amar;
Que morrer é acabar
E amor não tem saída.
E pois penado,
Ainda que amado,
Vive qualquer amador;
Que fará o desamado,
E sendo desesperado
De favor?

MOÇA — Ora, dá-lhe lá favores!
Velhice, como te enganas!
VELHO — Essas palavras valorosas
Acendem mais os amores.
MOÇA — Oh, homem! Estais às escuras!
Não vos vedes como estais?
VELHO — Vós me cegais com tristuras¹¹,
Mas vejo as desventuras
Que me dais.

MOÇA — Não vedes que sois já morto
E andais contra a natura?
VELHO — Oh, flor da maior formosura,
Quem vos trouxe a este meu horto?
Ai de mim!
Porque, assim que vos vi,
Cegou minha alma e a vida;
E está tão fora de si,
que em partindo vós daqui,
É partida.

MOÇA — Já perto sois de morrer:
Donde nasce esta sandice,
Que, quanto mais na velhice, amais os velhos viver?

¹¹ Tristezas.

E mais querida,
Quando estais mais de partida,
É a vida que deixais?
VELHO — Tanto sois mais homicida,
Que, quando amo mais a vida,
Mais a tirais.
Porque minha hora de agora
Vai vinte anos dos passados;
Que os moços namorados
A mocidade os escora.
Mas um velho,
Em idade de conselho,
De menina namorado...
Oh, minha alma e meu espelho!
MOÇA — Oh, miolo de coelho
Mal assado!

VELHO — Quanto for mais avisado
Quem de amor vive penando,
terá menos siso amando,
porque é mais namorado.
Em conclusão,
Que amor não quer razão,
Nem contrato, nem cautela,
Nem preito¹², nem condição,
Mas penar de coração
Sem querela¹³.

MOÇA — Onde há desses namorados?
A terra está livre deles!
Olho mau se meteu neles!
Namorados de cruzados,
Isso sim!...
VELHO — Senhora, eis-me eu aqui,
Que não sei senão amar.

¹² Acordo, pacto.

¹³ Lamento, queixa.

Oh, meu rosto de alfeni¹⁴!
Que em forte ponto vos vi.
Neste pomar!

MOÇA — Que velho tão sem sossego!

VELHO — Que garridice¹⁵ me viste?

MOÇA — Mas dizei, que me sentiste,
Remelado¹⁶, nêscio¹⁷, cego?

VELHO — Mas de todo,
Por muito namorado modo,
Me tendes, minha senhora,
Já cego de todo em todo.

MOÇA — Bem está, quando tal lodo
Se namora.

VELHO — Quanto mais estais avessa,
Mais certo vos quero bem.

MOÇA — O vosso hortelão não vem?
Quero-me ir, que estou com pressa.

VELHO — Oh, formosa!
Toda a minha horta é vossa.

MOÇA — Não quero tanta franqueza.

VELHO — Não para me serdes piedosa;
Porque, quanto mais graciosa,
Sois crueza.

Cortai tudo sem partido;
Senhora, se sois servida,
Seja a horta destruída,
Pois seu dono é destruído.

MOÇA — Mana minha!
Julgais que sou a daninha,
Porque não posso esperar.
Colherei alguma coisinha,

¹⁴ Massa de açúcar muito branca.

¹⁵ Elegância excessiva na forma de falar, vestir, etc.

¹⁶ Que tem remelas nos olhos.

¹⁷ Estúpido, ignorante.

Somente por ir asinha¹⁸
e não tardar.

VELHO — Colhei, rosa, dessas rosas!
Minhas flores, colhei flores!
Quisera eu que esses amores
Fossem perlas preciosas,
E de rubis
O caminho por onde is,
E a horta de ouro tal,
Com labores muito sutis,
Pois que Deus fazer-vos quis
Angelical.

Ditoso é o jardim
Que está em vosso poder:
Podeis, senhora, fazer
Dele o que fazeis de mim.

MOÇA — Que belezura!
Que pomar e que verdura!
Que fonte tão esmerada!

VELHO — Na água olhai vossa figura,
Vereis minha sepultura
Ser chegada.

(Canta a moça:)

“Cual es la niña que coge las flores
sino tiene amores?

Cogia la niña
La rosa florida,
El hortelánico
Prendas le pedia,
Sino tienes amores¹⁹”.

¹⁸ Depressa, rapidamente.

¹⁹ Em tradução livre do espanhol: Qual é a menina que colhe as flores / senão aquela que tem amores? / Colhia a menina a rosa florida: / O hortelão lhe pedia flores / mas ela só tinha amores.

(Assim cantando, colheu a moça da horta o que vinha buscar e, acabando, disse:)

MOÇA — Eis aqui o que colhi;
Vede o que vos hei de dar.
VELHO — Que me haveis vós de pagar,
Pois que me levais a mim?
Oh, coitado! Que amor me tem entregado
E em vosso poder me definho,
Como pássaro em mão dado
De um menino!

MOÇA — Senhor, com vossa mercê.
VELHO — Por eu não ficar sem a vossa,
Queria de vós uma rosa.
MOÇA — Uma rosa? Para quê?
VELHO — Porque são
Colhidas de vossa mão,
Deixar-me-eis alguma vida,
Não isenta de paixão,
Mas será consolação
Na partida.

MOÇA — Isso é por me deter:
Ora tomai, acabar!

(Tomou-lhe o velho a mão:)

MOÇA — Jesus! E quereis brincar?
Que galante e que prazer!
VELHO — Já me deixais?
Lembre-vos que me lembrais
E que não fico comigo.
Oh, martírios infernais!
Não sei por que me matais,
Nem o que digo.



(Vem um parvo²⁰, criado do velho, e diz:)

PARVO — Dono, dizia minha dona
Que fazeis vós cá até à noite?

VELHO — Vai-te daí, não te açoitae.
Oh! Dou, ó demo, a impostora
Sem saber!

PARVO — Diz que fosseis vós comer
E que não moreis aqui.

VELHO — Não quero comer, nem beber.

PARVO — Pois que haveis cá de fazer?

VELHO — Vai-te daí!

PARVO — Dono, veio lá meu tio,
Estava minha dona. Então ela,
Metendo lume²¹ à panela
O fogo logo subiu.

VELHO — Oh, senhora!
Como sei que estais agora
Sem saber minha saudade!
Oh, senhora matadora,
Meu coração vos adora
De vontade!

PARVO — Raivou tanto resmungar,
Oh, pesar ora da vida!
Está a panela cozida,
Minha dona quer jantar.
Não quereis?

VELHO — Não hei de comer, desta vez,
Nem quero comer bocado.

PARVO — E se vós, dono, morreis?
Então depois não falareis
Senão finado.

Então na terra nego jazer,
então, finir dono, estendido.

²⁰ Tolo.

²¹ Fogo.

VELHO — Oh, quem não fora nascido
Ou acabasse de viver!

PARVO — Assim, por Deus!

Então tanta pulga em vós,
Tanta bichoca²² nos olhos,
Ali, com os finados sós
E comer-vos-ão a vós
Os piolhos.

Comer-vos-ão as cigarras
E os sapos morrei, morrei!

VELHO — Deus me faz já a graça
De me soltar as amarras.

Vai saltando,
Aqui te fico esperando:
Traze a viola e veremos.

PARVO — Ah, corpo de São Fernando!
Estão os outros jantando
e cantaremos?

VELHO — Quem fosse do teu teor,
Por não se sentir tanta praga
De fogo, que não se apaga,
Nem abranda tanta dor!
Hei de morrer.

PARVO — Minha dona quer comer;
Vinde, dono, que ela brada!
Olhai, eu fui lhe dizer
dessa rosa e do viver,
E está raivada!

VELHO — Vai tu, filho Joane²³,
E dize que logo vou,
Que não há tempo que cá estou.

PARVO — Ireis vós para o Sanhoane²⁴!
Pelo céu sagrado,

²² Minhoca.

²³ O nome do parvo.

²⁴ Freguesia de Mogadouro, Portugal.

Que meu dono está danado!
Viu ele o demo no ramo.
Se ele fosse namorado,
Logo eu vou buscar outro amo.

(Vem a mulher do velho e diz:)

MULHER — Hui! Que sina desastrada!
Fernandianes²⁵, que é isto?

VELHO — Oh, pesar do anticristo.
Com a velha destemperada!
Vistes ora?

MULHER — Esta dama, onde mora?
Hui! Infeliz dos meus dias!
Vinde jantar em má hora:
Que vos metestes agora
Em musiquias²⁶?

VELHO — Pelo corpo de São Roque
Comendo, ó demo, a gulosa!

MULHER — Quem vos pôs aí essa rosa?
Má forca que vos enforque!

VELHO — Não maçar²⁷!
Fareis bem de vos tornar
Porque estou muito mal sentido;
Não continueis a me falar,
Que não se pode perdoar
Ser perdido.

MULHER — Agora com as ervas novas
Vos tornastes garanhão.

VELHO — Não sei que é, nem que não,
Que hei de vir a fazer trovas.

MULHER — Que peçonha²⁸!

²⁵ O nome do velho.

²⁶ Músicas de baixa qualidade artística.

²⁷ Importunar.

²⁸ Veneno, maldade, malícia.

Havei, infeliz, vergonha
Ao cabo de sessenta anos,
Que sois já carranca²⁹.
VELHO — Amores de quem me sonha
tantos danos!
MULHER — Já vós estais em idade
De mudardes os costumes.
VELHO — Pois que me pedis ciúmes,
Eu os farei de verdade.
MULHER — Olhai a peça!
VELHO — Que o demo em nada me empeça,
Senão morrer de namorado.
MULHER — Quer já cair da tripeça³⁰,
E tem rosa na cabeça
E embeijado³¹.

VELHO — Deixar-me ser namorado,
Porque o sou muito em extremo!
MULHER — Mas que vos tome ainda o demo,
Se vos já não tem tomado!
VELHO — Dona torta,
Acertar por esta porta,
Velha mal-aventurada,
Saia, infeliz, desta horta!
MULHER — Hui, meu Deus! Aqui sou morta
Ou espancada!

VELHO — Estas velhas são pecados,
Santa Maria vai com a praga!
Quanto os homem mais afaga,
Tanto são mais endiabradas!

(O velho canta:)

“Volvido nos han volvido,

²⁹ Cara feia, careta.

³⁰ Assento de três pés, tripé.

³¹ Enamorado, encantado, apaixonado.

Volvido nos han
Por uma vecina mala
Meu amor tolheu-lhe a fala
Volvido nos han³²”.

(Vem Branca Gil, alcoviteira, e diz:)

ALCOVITEIRA — Mantenha Deus vossa Mercê³³.

VELHO — Olá! Venhais em boa hora.

Ah! Santa Maria, senhora,
Como logo Deus provê!

ALCOVITEIRA — Certo, oh, fadas!

Venho por misturadas³⁴,

E muito depressa ainda.

VELHO — Misturadas preparadas,

Que hão de fazer bem guisadas

Vossa vinda!

O caso é: sobre meus dias,

Em tempo contra a razão,

Veio amor sem intenção

E fez de mim outro Macías³⁵

Tão penado,

Que de muito namorado

Creio que me culpareis

Porque tomei tal cuidado;

E do velho destampado

Zombareis.

ALCOVITEIRA — Mas, antes, senhor, agora

Na velhice anda o amor;

O de idade de amador

Por acaso se namora;

E na corte

Nenhum homem de sorte

³² Em tradução livre do espanhol: “Voltado nos hão voltado, / voltado nos hão / por uma vizinha má / meu amor tolheu-lhe a fala / voltado nos hão.”

³³ Vossa pessoa, você.

³⁴ Guisado de várias hortaliças diferentes.

³⁵ Poeta medieval conhecido pelos seus poemas de amor.

Não ama como sóia³⁶.
Tudo vai em zombaria;
Nunca morrem desta morte
Nenhum dia.
E alegre-me ora de ver
Vossa mercê namorado;
Que o homem bem criado
Até a morte o há de ser
Por direito;
Não por modo contrafeito,
Mas firme, sem ir atrás,
Que a todo homem perfeito
Mandou Deus no seu preceito:
amarás.

VELHO — Isso é o demo que eu brado,
Branca Gil, e não me vai,
Que eu não daria um real
Por homem desnamorado.
Porém, amiga,
Se nesta minha fadiga
Vós não sois medianeira³⁷,
Não sei que maneira siga,
Nem que faça, nem que diga,
Nem que queira.

ALCOVITEIRA — Ando agora tão ditosa³⁸,
Louvores à Virgem Maria,
Que acabo mais do que queria
Pela minha vida e vossa.
De antemão,
Faço uma esconjuração³⁹
Com um dente de negra morta

³⁶ Terceira pessoa (singular) do verbo soer: acontecer com frequência, ser hábito ou costume.

³⁷ Mediadora.

³⁸ Feliz, afortunada.

³⁹ Esconjuro, maldição.

Até que entre pela porta,
Que a exorta
Qualquer duro coração.
Diz: quem é ela?
VELHO — Vive junto com a Sé.
ALCOVITEIRA — Já! Já! Já! Bem sei quem é.
É bonita como estrela, uma rosinha de abril,
Uma frescura de maio,
Tão manhosa, tão sutil!
VELHO — Acudi-me, Branca Gil,
Que desmaio.

(Esmorece o velho e a alcoviteira começa esta ladainha⁴⁰:)

ALCOVITEIRA — Ó precioso Santo Areliano,
Mártir bem-aventurado,
Tu que foste marteirado⁴¹
Neste mundo cento e um ano;
Ó São Garcia
Moniz, tu que hoje em dia
Fazes milagres dobrados,
Dá-lhe esforço e alegria,
Pois que és da companhia
Dos penados!
Ó apóstolo São João Fogaça,
Tu que sabes a verdade,
Pela tua piedade,
Que tanto mal não se faça!
Ó Senhor
Tristão da Cunha Confessor,
Ó mártir Simão de Sousa,
Pelo vosso santo amor,
Livrai o velho pecador
De tal coisa!
Ó Santo Martim Afonso
De Melo, tão namorado,

⁴⁰ Prece composta de curtas invocações.

⁴¹ Martirizado, mártir.

Dá remédio a este coitado,
E eu te direi um responso⁴²
Com devoção!
Eu prometo uma oração,
Cada dia quatro meses,
Porque lhe deis coração,
Meu senhor São Dom João
de Meneses!
Ó mártir Santo Amador
Gonçalo da Silva, vós,
Vós que sois o melhor de nós,
Porfioso⁴³ em amador
Apressado,
Chamai o martirizado
Dom Jorge de Eça a conselho,
Dois casados num cuidado,
Socorrei a este coitado
Deste velho!
Arcanjo São Comendador
Mor de Avis, muito inflamado,
Que antes que fosseis nascido,
Fostes santo no amor.
E não fique
O precioso Dom Anrique
Outro Mor de Santiago;
Socorrei-lhe muito a pique⁴⁴,
Antes que o demo repique
Com tal pago.
Glorioso São Dom Martinho,
Apóstolo e Evangelista,
Tomai este feito à revista,
Porque leva mau caminho,
E dai-lhe espírito!
Ó Santo Barão de Alvito,

⁴² Conjunto de palavras pronunciadas ou cantadas nos ofícios da Igreja católica.

⁴³ Teimoso, persistente.

⁴⁴ Rapidamente.

Serafim do deus Cupido,
consolai o velho aflito;
Porque, ainda que arrependido,
Vai perdido!
Todos santos marteirados,
Socorrei ao marteirado,
Que morre de namorado,
Pois morreis de namorados.
Para o livrar,
As virgens quero chamar,
Que lhe queiram socorrer,
Ajudar e consolar,
Que está já para acabar
De morrer.
Ó Santa Dona Maria
Anriques, tão preciosa,
Queirais-lhe ser piedosa,
Por vossa santa alegria.
E vossa vista,
Que todo o mundo conquista,
Esforce seu coração,
Porque à sua dor resista,
Por vossa graça e benquista
Condição.
Ó Santa Dona Joana
De Mendonça, tão formosa,
Preciosa e muito lustrosa,
Muito querida e muito ufana,
Dai-lhe vida,
Como outra santa escolhida,
Que tenho em voluntas mea⁴⁵,
Seja de vós socorrida
Como de Deus foi ouvida
A Cananea.
Ó Santa Dona Joana
Manuel, pois que podeis,

⁴⁵ Do latim: minha verdade.

E sabeis, e mereceis
Ser angélica e humana,
Socorrei!
E vós, senhora, por mercê,
Ó Santa Dona Maria
De Calataúd, porque
Vossa perfeição lhe dê
Alegria.
Santa Dona Catarina
De Figueiredo, a Real,
Por vossa graça especial,
Que os mais altos inclina;
E ajudará Santa Dona Beatriz de Sá:
Dai-lhe, senhora, conforto,
Porque está seu corpo já
Quase morto.
Santa Dona Beatriz
Da Silva, que sois aquela
Mais estrela que donzela,
Como todo o mundo diz;
E vós, sentida
Santa Dona Margarida
De Sousa, lhe socorrei,
Se lhe puderdes dar vida;
porque está já de partida
Sem porquê!
Santa Dona Violante
De Lima, de grande estima,
Muito subida, muito acima
De estimar nenhum galante;
Peço-vos eu,
E a Dona Isabel de Abreu,
Com o siso que Deus vos deu,
Que não morra de sandeu⁴⁶
Em tal idade.
Ó Santa Dona Maria

⁴⁶ Tolo, louco.

De Ataíde, fresca rosa,
Nascida em hora ditosa,
Quando Júpiter se ria!
E, se ajudar
Santa Dona Ana, sem par,
De Eça, bem-aventurada,
Podei-lo ressuscitar,
Que sua vida vejo estar
Desesperada.
Santas virgens, conservadas
Em muito santo e limpo estado,
Socorrei ao namorado,
Que vos sejais namoradas!

VELHO — Oh! Coitado!

Ai triste desatinado!

Ainda torno a viver;

Cuidei que já era livrado.

ALCOVITEIRA — Que esforço de namorado

E que prazer!

Que hora foi aquela!

VELHO — Que remédio me dais vós?

ALCOVITEIRA — Vivereis, prazendo a Deus,

E casar-vos-eis com ela.

VELHO — É vento isso!

ALCOVITEIRA — Assim veja o paraíso,

Que não é agora tão extremo.

Não curedes vós de riso⁴⁷,

Que se faz tão improviso

Como o demo

E também de outra maneira,

Se eu me quiser trabalhar.

VELHO — Ide-lhe, logo, falar,

E fazei com que me queira,

Que pereço;

E dissei-lhe que lhe peço

⁴⁷ Não fiquéis rindo.

Se lembre que tal fiquei
Estimado em pouco preço.
E se tanto mal mereço
Não o sei!
E, se tenho esta vontade,
Não deve ela se enjoar,
Mas antes muito folgar
Matar os qualquer idade.
E se reclama
Que sendo tão linda dama
Por ser velho me aborrece,
Dizei-lhe que mal desama,
Porque minha alma, que a ama,
Não envelhece.

ALCOVITEIRA — Sus⁴⁸! Nome de Jesus Cristo!
Olhai-me pela cestinha.
VELHO — Tornai logo, muito asinha,
Que eu pagarei bem isto.

(Vai-se a alcoviteira e fica o velho, tangendo e cantando a cantiga seguinte:)

Pues tengo razón, señora,
Razón es que me laa oiga⁴⁹!

(Vem a alcoviteira e lhe diz o velho:)

VELHO — Venhais em boa hora, minha amiga!
ALCOVITEIRA — Já ela fica de bom jeito;
Mas, para isto andar direito,
É razão que eu vos diga.
Eu já, senhor meu, não posso
Vencer uma moça tal
Sem gastardes bem do vosso.

⁴⁸ Expressão para inspirar ânimo; Eia!; Coragem!

⁴⁹ Em tradução livre do espanhol: Pois tenho razão, senhora, / razão é que me ouça!

O Velho da Horta

VELHO — Eu lhe pagarei em grosso.
ALCOVITEIRA — Aí está o feito nosso,
e não em al⁵⁰.
Perca-se toda a fazenda
Por salvardes vossa vida.
VELHO — Seja ela disso servida,
Que escusada é mais contenda.
ALCOVITEIRA — Deus vos ajude
e vos dê muita saúde,
Que assim o haveis de fazer:
Que viola nem alaúde
Nem quantos amores pude
Não quer ver.
Remoçou-me⁵¹ ela um brial⁵²
De seda e uns trocados.
VELHO — Eis aqui trinta cruzados,
Que lhe façam muito real!

(Enquanto a alcoviteira vai, velho torna a prosseguir o seu cantar e tanger⁵³. Quando acaba, a alcoviteira volta e lhe diz:)

ALCOVITEIRA — Está tão saudosa de vós
que se perde a coitadinha!
Há mister uma vasquinha⁵⁴ e três onças de retroz⁵⁵.
VELHO — Tomai.
ALCOVITEIRA — A bênção de vosso pai.
(Bom namorado é o tal!)
Porque gastais, descansai.
Namorados de ai ai
Não são papa nem são sal
Hui! Tal fora, se me fora!
Sabeis vós que me esquecia?

⁵⁰ E não em outra coisa.

⁵¹ Tornou-me mais moço.

⁵² Espécie de vestido longo de seda ou de outro tecido rico, sobre o qual se apertava um cinto.

⁵³ Tocar instrumento.

⁵⁴ Antiga saia, pregueada na cintura, que se vestia sobre toda a roupa.

⁵⁵ Do lado oposto.

Uma amiga me vendia
Um broche de uma senhora.
Com um rubi para o colo, de marfim,
Lavrado de mil labores,
Por cem cruzados.
VELHO — Ei-los aí!
ALCOVITEIRA — Isto, má hora, isto sim
São amores!

(Vai-se o velho, torna a prosseguir sua música e, acabada,
a alcoviteira volta e diz:)

ALCOVITEIRA — Dei, má hora, uma topada;
Trago as sapatas rompidas
Destas vindas, destas idas,
E enfim não ganho nada.
VELHO — Eis aqui
Dez cruzados para ti.
ALCOVITEIRA — Começo com boa **estrela**!

(Vem um alcaide⁵⁶ com quatro beleguins⁵⁷ e diz:)

ALCAIDE — Dona, levantai-vos daí!
ALCOVITEIRA — E que me quereis vós assim?
ALCAIDE — À cadeia!

VELHO — Senhores, homens de bem,
Escutem vossas senhorias.
ALCAIDE — Deixai essas cortesias!
ALCOVITEIRA — Não tenho medo de ninguém:
Vistes agora!
ALCAIDE — Levantai-vos daí, senhora,
Dai ao demo esse rezar!
Quem vos fez tão rezadora?
ALCOVITEIRA — Deixar-me agora na má hora
Aqui acabar.

⁵⁶ Antigo governador de castelo.

⁵⁷ Guarda-costas.

O Velho da Horta

ALCAIDE — Venho da parte de el-Rei!

ALCOVITEIRA — Muita vida seja a sua.

Não me leveis pela rua;

Deixar-me vós, que eu me irei.

BELEGUINS — Sus! Andar!

ALCOVITEIRA — Onde me quereis levar?

Ou quem me manda prender?

Nunca haveis de acabar

De me prender e soltar?

Não há poder.

ALCAIDE — Não se pode al fazer.

ALCOVITEIRA — Está já a carocha⁵⁸ aviada⁵⁹.

Três vezes fui já açoitada,

E, enfim, hei de viver.

(Levam-na presa e fica o velho dizendo:)

VELHO — Oh! Que má hora!

Ah! Santa Maria Senhora!

Já não posso livrar bem.

Cada passo que dá piora!

Oh! Triste quem se namora

De alguém!

(Vem uma mocinha à horta e diz:)

MOCINHA — Vedes aqui o dinheiro?

Manda-me cá minha tia,

Que, assim como no outro dia,

Lhe mandeis a couve e o cheiro.

Está pasmado!

VELHO — Mas estou desatinado.

MOCINHA — Estais doente, ou que haveis?

VELHO — Ai! Não sei! Desconsolado,

Que nasci desventurado!

⁵⁸ Espécie de chapéu que os condenados pela inquisição levavam na cabeça ao serem conduzidos para o suplício.

⁵⁹ Preparada, concluída.

MOCINHA — Não choreis;
Mais mal fadada⁶⁰ vai aquela!
VELHO — Quem? Como?
MOCINHA — Com cem açoites no lombo,
E uma carocha por capela⁶¹.
E atenção!
Leva tão bom coração,
Como se fosse em folia⁶².
Que pancadas lhe dão!
VELHO — E o triste do pregão
Por que dizia?
MOCINHA — Por muito grande alcoviteira
E para sempre degredada.
Vai tão desavergonhada,
Como ia a feiticeira.
E quando estava
Uma moça que passava
Na rua para ir casar
E a coitada que chegava,
A folia começava
De cantar:
Uma moça tão formosa,
Que vivia ali à Sé...
VELHO — Oh coitado! A minha é!
MOCINHA — Agora, má hora é vossa!
Vossa é a treva.
Mas ela o noivo a leva:
Vai tão leda⁶³ e tão contente,
Uns cabelos como Eva.
Ousadas que não se lhe atreve
Toda a gente.
O noivo, moço tão polido,
Não tirava os olhos dela,
E ela dele. Oh que estrela!

⁶⁰ Predestinada.

⁶¹ Coroa.

⁶² Antiga dança portuguesa acompanhada por cantos.

⁶³ Risonha.

É ele um par bem escolhido!
Ó roubado,
Da vaidade enganado,
Da vida e da fazenda!
Ó velho, siso enleado⁶⁴,
Quem te meteu desastrado
Em tal contenda?
Se os jovens amores,
Os mais têm fins desastradas,
Que farão as cãs⁶⁵ lançadas
No conto dos amadores!
Que sentias,
Triste velho, em fim dos dias?
Se a ti mesmo contemplarás,
Souberas que não sabias,
E acertarás.

VELHO — Quero ir buscar a morte,
Pois que tanto mal busquei.
Quatro filhas que criei,
Eu as pus em pobre sorte.
Vou morrer,
Elas hão de padecer,
Porque não lhes deixo nada
Da quanta riqueza e haver
Fui sem razão despender
Mal gastada.

⁶⁴ Juízo atrapalhado.

⁶⁵ Cabelos brancos.

**O autor
Gil Vicente**



O autor

Gil Vicente

Nome: Gil Vicente

Profissão: Artista, dramaturgo e poeta português.

Local e data de nascimento: 1465, aproximadamente, em local desconhecido.

Local e data de falecimento: 1536, aproximadamente, em local desconhecido.

Trajatória acadêmica

Pouco se sabe sobre a trajetória acadêmica de Gil Vicente. Não há registros documentais de seu nascimento ou de seu falecimento, e, de sua vida pessoal, supõe-se que tenha sido casado duas vezes, tendo dois filhos do primeiro casamento e dois do segundo. Estes viriam a publicar sua obra posteriormente.

Gil Vicente foi amigo do pintor flamengo Francisco Henriques, que havia se estabelecido em Portugal desde muito tempo e trabalhou para o rei Dom Manuel I. Desconfia-se que o autor português tenha trabalhado como ourives na corte desse mesmo rei.



As artes, entre elas a Literatura, costumavam ser financiadas por comerciantes, burgueses, príncipes e reis, os chamados **mecenas**.

Características da obra de Gil Vicente

Gil Vicente é considerado pelos estudiosos como o **pai do teatro português** e principal representante da literatura renascentista portuguesa, anterior a Camões. Sua obra reflete as mudanças de pensamento que ocorreram no século XV e XVI, quando os ideais humanistas e classicistas começaram a vigorar. Seus textos são marcados pelas tensões que afligiam a sua época, a transição da Idade Média para o Renascimento.



Imagem retratando como eram apresentados os autos no século XVI.

Sua obra caracteriza-se por ser essencialmente **satírica**, pela construção de **tipos sociais** e pela **crítica social**. Em tom **ácido** e **cômico**, Gil Vicente consegue retratar os **vícios** e **costumes** da sociedade de sua época. Com um intuito moralizante, ele apresenta situações **alegóricas** em que ficam claros os **princípios cristãos e morais**, mostrando traços de **religiosidade** em sua obra. Apesar disso, ele **critica** fortemente o **clero** e **o seu misticismo exagerado**, representando-os quase sempre com atitudes mundanas e anticlericais.

Sua obra foi apresentada na corte e na Igreja, mas também nas praças e em locais públicos. Por isso, é conhecida como **teatro profano** (teatro que é representado fora dos templos religiosos).

Resumo da obra *O auto da barca do inferno*

Todo o desenrolar da história se passa em um porto imaginário. Lá estão ancoradas duas barcas, a Barca da Glória, guiada por um anjo e com destino ao paraíso; e a Barca Infernal, conduzida pelo diabo juntamente com um companheiro, com destino ao inferno. Não há uma noção precisa de tempo; já que todos os personagens estão mortos, tal noção fica perdida.

Assim, quando as pessoas morrem, suas almas, já livres de seus corpos, precisam, obrigatoriamente, passar por este local para receber a sua sentença. Cada uma recebe seu julgamento dependendo dos atos cometidos em vida; aos “virtuosos” é dada a permissão para entrar na Barca da Glória; já os “pecadores” são encaminhados para a Barca Infernal. Tanto o Anjo quanto o Diabo podem julgar as almas, mas somente o anjo pode absorvê-las. *O Auto da Barca do Inferno* possui estrutura definida. Não é dividido em atos, divide-se em cenas, à medida que os personagens vão aparecendo.

Contexto histórico em que a obra foi produzida

A obra de Gil Vicente é enquadrada no período histórico conhecido como **Humanismo** e **Classicismo**. Vejamos alguns aspectos sobre esse período.

Humanismo e Classicismo

Após o período do Trovadorismo, seguiram-se os períodos literários portugueses que são comumente chamados **Humanismo** e **Classicismo**. Esses períodos apresentam como contexto histórico:

- Período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna (a economia deixava de se basear na produção feudal e começava a se concentrar no comércio das cidades);
- Crise econômica e social, devido às mudanças promovidas pela chegada da Idade Moderna;
- Crise do pensamento religioso medieval, que aos poucos cedia lugar ao pensamento antropocêntrico, que valorizava a ciência e o homem como centro do mundo;
- Surgimento dos ideais protestantes, que colocavam em xeque os valores católicos e dogmáticos;
- Grandes navegações (que proporcionou a Portugal chegar ao Brasil);
- Surgimento da imprensa.

Suas principais características são:

- Surgimento de uma linguagem propriamente literária, desvinculada da música (como se observa no Trovadorismo);
- Presença de temáticas religiosas e humanistas (influência do pensamento medieval e do pensamento humanista que surgia);
- Definição de gêneros literários como: poesia lírica, poesia épica, texto em prosa e teatro.

Com relação às temáticas, destacam-se:

- Textos de relatos históricos;
- Relatos de viagens, com descrições de lugares, povos, culturas etc.
- Novelas e narrativas **heroicas** (em prosa e em verso);
- Temas místicos e religiosos;
- Temas sociais, abordados de forma satirizada.

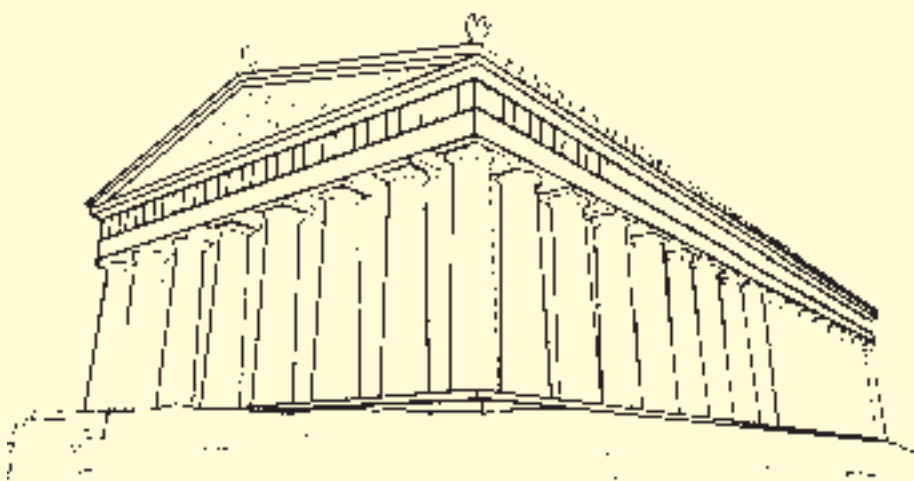
Importância do livro *Auto da barca do inferno*

O *Auto da barca do inferno*, conhecido também como *Auto de moralidade*, conforme afirmado pelo autor, foi representado pela primeira vez em 1517. O texto representa o juízo final católico de forma **alegórica**, simbolizando a dualidade entre o céu e o inferno.

O termo **auto** é utilizado para designar **peças ou pequenas representações teatrais** originadas na **Idade Média e de caráter doutrinário, religioso**. Tempos depois, tal gênero torna-se popular e adquire um caráter **lúdico**, de divertimento para o povo. Gil Vicente foi o grande responsável pela introdução desse tipo de teatro em Portugal, o que lhe rendeu o título de “pai do teatro português”.

Além disso, suas peças inauguraram uma tradição que prosperou não apenas em Portugal, mas em outros países da Europa e no Brasil. O Padre José de Anchieta se inspirava nos autos vicentinos para escrever seus autos voltados à catequese dos índios.

Gil Vicente escreveu também outros autos, como o *Auto do Purgatório* e *Auto da Barca da Glória*. Escreveu também algumas farsas, entre as quais a *Farsa de Inês Pereira*. Acredita-se que a peça se chama *Auto da Barca do Inferno* porque, de fato, quase todos os personagens ao longo da trama viajam na barca que segue em direção ao inferno.



Análise da obra

O Auto da Barca do Inferno apresenta de forma **alegórica** e **cômica** o juízo final católico. Essencialmente **satírico**, **crítica** o **comportamento** de variadas camadas sociais, tais como a **no-breza**, o **clero** e o **povo**. Com isso, é comum que as referências às pessoas sejam sempre de acordo com o papel social que desempenham, ressaltando seus tipos sociais.

Quanto ao gênero, apesar de ser uma **peça de teatro**, o texto está escrito em **versos**. Tal característica se justifica pelo fato de que **o teatro de Gil Vicente era**, na maioria das vezes, **cantado**. Assim, a escrita em versos facilitaria essa forma de representação. Quanto à **estrutura** da peça, o **teatro vicentino é simples**. Não é dividida em atos, os personagens são introduzidos **sequencialmente** na história. Possui a descrição de fala de cada personagem e algumas **rubricas**, que são pequenos textos que descrevem a ação dos artistas, ambientação, cenário, entre outros.



O inferno,
segundo
representação
de Hieronymus
Bosch.

Em o *Auto da Barca do Inferno*, essas rubricas são indicações simples, basicamente informam a entrada do personagem atual, a saída do anterior e descreve o que ele carrega consigo. Quanto a seus versos, predomina a estrutura poética da **redondilha maior**, ou seja, **sete sílabas poéticas**.

A obra apresenta **personagens** como **tipos sociais** e também **alegorias**. Na referida peça, o Anjo e o Diabo representam, respectivamente, o bem (céu) e o mal (inferno). Ao longo de toda a peça, são eles que julgam o destino final das almas que chegam ao porto imaginário, de acordo com seus atos na vida terrena, e decidem, assim, qual a barca que cada um deve tomar.

Os demais personagens são representados de acordo com o seu tipo social; o fidalgo D. Anrique representa a burguesia da época; o Onzeneiro, espécie de agiota, homem que emprestava dinheiro a juros muito altos. Há ainda um sapateiro chamado Joanantão, que parece ser dono de uma oficina e enganava seus clientes; o parvo Joane, homem tolo, que vivia de maneira simples; o Frei Babriel e sua dama Florença, frade que vivia em pecado; a alcoviteira Brízida Vaz, que explorava mulheres; um judeu de nome Semifará, que rejeita a fé católica; o Corregedor e o Procurador, defensores da magistratura; um Enforcado e os Quatro Cavaleiros, mártires.

Cada um desses **personagens**, ao adentrarem na obra, **trazem consigo** elementos que fazem **referência** aos seus **tipos ou a sua vida mundana na terra**. O fidalgo D. Anrique traz um manto comprido e um criado que carrega uma cadeira de espaldas (encosto). Esses símbolos representam a sua posição social e a opressão dos mais fortes, ostentação de seu poder e tirania. O Onzeneiro traz um bolsão, elemento que representa a ganância e o apego ao dinheiro.

O sapateiro Joanantão carrega seu avental e formas de sapateiro, símbolos que representam a exploração da classe comercial. O parvo Joane é o único que não traz símbolos, ele representa a ingenuidade, pois o que praticou em vida não o fez por maldade. O frade Frei Babriel traz consigo uma moça chamada Florença, uma espada e um escudo, além de estar vestido com o seu hábito. Esses elementos representam as condições de vida mundana do clero, inclusive envolvendo-se com mulheres, não respeitando o celibato e os costumes católicos.

A alcoviteira Brízida Vaz traz seiscentos hímens postiços, três arcas de feitiços, três armários de mentir, **jóias** de vestir, guarda-roupa de encobrir, casa movediça, estrado de cortiça, coxins e moças. Esses símbolos representam a exploração sexual de mulheres e denuncia que a alcoviteira teria atividades ligadas à prostituição. O judeu Semifará traz um bode, símbolo do judaísmo, que representa a sua aversão a fé e doutrinas católicas.

O Corregedor e o Procurador trazem processos, vara da justiça e livros, elementos que simbolizam a magistratura e suas vidas corruptas na terra. O enforcado traz o “baraço”, corda que o enforcou. A corda representa também sua vida mundana e corruptível. Os quatro cavaleiros levaram a cruz de Cristo, que representa a fé pela Igreja Católica. Entre todos os personagens citados, apenas os cavaleiros embarcam na barca que se direciona ao céu, todos os demais embarcam rumo ao inferno, com exceção do Parvo, que fica ainda no porto a pedido do Anjo.

Traçando um paralelo desse contexto com as doutrinas da religião católica, os cavaleiros representam os mártires que morreram por causa da palavra de Deus. O Parvo aguarda o purgatório, pois ainda precisa se purificar, embora seus pecados não tenham sido por maldade. Os demais personagens têm sua recompensa pelos seus atos em vida: por terem sido pecadores, infiéis, enganadores e exploradores, vão direto ao inferno, pois não há mais salvação para eles.

Análise do texto

“DIABO: Em que esperas ter guarida?

FIDALGO: Que deixo na outra vida

Quem reze sempre por mim.

DIABO: Quem reze sempre por ti?

Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...

E tu viveste a teu prazer,

Cuidando cá salva-se

Por que rezam lá por ti?

(...)

FIDALGO: Esperarei por vós aqui,

Tornarei à outra vida

Ver minha dama querida

Que se quer matar por mim.

DIABO: Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO: Isto bem certo o sei eu.

DIABO: Ó namorado sandeu,

O maior que nunca vil!...

(...)

DIABO: Pois tu expirando,

Se estava ela requebrando

Com outro de menos preço.” (p.10 - 13)

Neste trecho da peça, percebemos a crítica à sociedade portuguesa da época. No início, quando o fidalgo D. Anrique chega ao porto, ao conversar com o Diabo, faz menção a sua esposa, a quem deixou na vida terrena e que, segundo ele, rezaria por sua alma. O Diabo afirma que ela já estaria com outro homem, fazendo menção ao adultério.

Ainda nesse trecho, o Diabo afirma que a esposa do fidalgo não estaria sofrendo por sua morte, mas sim aproveitando para **divertir-se** com outro homem. Por isso, não valeria a pena pensar, menos ainda sofrer por causa dela, pois ela não mereceria tal dedicação.

A fé católica condena fortemente o adultério, seus argumentos são baseados na Bíblia, que afirma que tais con-

dições de não cometê-lo estão entre os dez mandamentos da lei de Deus. Tal referência, portanto, seria uma crítica ao povo português, que, mesmo consciente, comete imoralidades.

“ANJO: Não vindes vós de maneira
Para ir neste navio.
Esse outro vai mais vazio:
A cadeira entrará
E o rabo caberá
E todo vosso senhorio.
(...)
FIDALGO: Ao inferno, todavia!
Inferno há aí para mim?
Oh triste! Enquanto vivi
Não cuidei que o aí havia:
Tive que era fantasia!
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado
E não vi que me perdia.” (p.12)

O fidalgo não consegue entrar na Barca da Glória, pois o Anjo afirma que lá não caberá a sua cadeira e o manto. Por fim, o fidalgo se arrepende de não ter cuidado em vida de seus atos, lembrando que confiava em sua posição, seu estado, e agora nada daquilo lhe valia. Tais características remetem às doutrinas cristãs presentes ao longo da obra.

Embora os textos de Gil Vicente sejam marcados pelo pensamento humanista e classicista, que colocava o homem — e não Deus — como o centro do mundo, percebe-se o tom fortemente moralizante neste trecho. O Anjo julga a condição do fidalgo por seus atos em vida e este, arrependido por “confiar em seu estado”, perde a sua alma. Tal situação é elaborada para fazer com que o público leitor ou ouvinte também reflita sobre seus atos, com o intuito de educar, exaltar a moral e as doutrinas cristãs e as **consequências** para quem não as segue.

Esse contraste é uma das marcas do texto de Gil Vicente: ao mesmo tempo que ele defende certos calores religiosos, critica certos hábitos e pessoas da Igreja.

“DIABO: Oh! Que má hora venhais,
Onzeneiro, meu parente!
Como tardaste vós tanto?
ONZENEIRO: Mais quisera eu lá tardar...
Na safra do apanhar
Me deu Saturno quebranto.
DIABO: Ora, muito me espanto
Não vos livrar o dinheiro!...
ONZENEIRO: Somente para o barqueiro
Não me deixaram nem tanto... (p.16)
(...)
ANJO: E onde queres tu ir?
ONZENEIRO: Eu para o paraíso vou.
ANJO: Pois eu muito fora estou de te levar para lá.
Essa barca que lá está
Vai para quem tu enganou!
ONZENEIRO: Por quê?
ANJO: Porque esse bolsão
Tomará todo o navio.
ONZENEIRO: Juro a Deus que vai vazio!
ANJO: Não já no teu coração. (p. 17 - 18)
(...)
ONZENEIRO: Oh, triste! Quem me cegou?
DIABO: Cala-te, que cá chorarás.” (p.19)

O Onzeneiro, ao chegar ao porto, já é abordado pelo Diabo, que o chama de “parente”, sugerindo certo grau de “intimidade” entre os dois. O Onzeneiro, a princípio, recusa-se a ir para o inferno e tenta conversar com o Anjo. Percebemos o tom irônico e até cômico deste trecho, pois sendo considerado parente do Diabo como haveria de ir ao paraíso?

Neste trecho o Diabo ironiza a condição do passageiro, já que este conseguia dinheiro de forma desonesta, explorando seus clientes e cobrando altos juros em seus empréstimos. Daí a referência de seu “bolsão”. O dinheiro conseguido com seus lucros não o livrou da condenação.

Porém, ao pedir espaço na Barca da Glória, o Anjo o recusa, afirmando que o seu “bolsão” tomará todo o navio. O Onzeneiro da história seria comparado a um tipo de agiota em nossos dias. Neste caso, o personagem também é julgado por seus feitos em vida e, portanto, viajará na Barca Infernal.

Assim como acontece com o personagem fidalgo, o Onzeneiro se arrepende, ao final, por não seguir os princípios cristãos quando em vida. Observa-se, assim, a presença de elementos da doutrina cristã, que sugere a reflexão sobre o assunto.

“ANJO: Tu passarás, se quiseres;
Porque em todos teus fazeres
Por malícia não erraste.
Tua simpleza usaste
Para gozar dos prazeres.

Espera entretanto por aí:
Veremos se vem alguém,
Merecedor de tal bem,
Que deva de entrar aqui.” (p. 23)

O Parvo Joane é o único personagem que, em sua essência, não traz “maldade”. Sua elaboração remete ao homem ingênuo, tolo, cujos atos errôneos em vida não foram por malícia. Por isso, ele tem, na peça, uma oportunidade que os demais não terão. Também o Anjo o defende do Diabo, evitando que ele entre na Barca Infernal.

O personagem Parvo tem a oportunidade de aguardar ainda no porto para ver se surgem almas merecedoras de adentrar na barca do bem. Ele não poderia adentrar primeiro. Porém, os únicos que adentrarão na barca rumo ao céu são os cavaleiros, que aparecem no final da peça, mortos em batalha por causa da fé cristã.

“DIABO: Que é isso, padre? Que vai lá?

FRADE: *Deo gratias!* Sou cortesão.

(...)

DIABO: Pois entrai! Eu tangerei. E faremos um serão.

Essa dama, é ela vossa?

FRADE: Por minha conta a tenho eu,

E sempre a tive de meu.

DIABO: Fizeste bem, que é formosa!

E não vos punham lá maledicência

No vosso convento santo?

FRADE: E eles fazem outro tanto.

DIABO: Que coisa tão preciosa...

Entrai, padre reverendo!

FRADE: Para onde levais gente?

DIABO: Para aquele fogo ardente

Que não temeste vivendo.

FRADE: Juro a Deus que não te entendo!

E este hábito não me vale?

Diabo: Gentil padre mundano,

A Belzebu vos encomendo!

FRADE: Ah, Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,

Que eu não posso entender isto!

Eu hei de ser condenado?

Um padre tão namorado

E tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

Que eu estou maravilhado!

(...)

FRADE: Por Deus! Essa seria ela?

Não vai em tal caravela

Minha senhora Florença.

Como? Por ser namorado

E folgar com uma mulher

Se há um frade de perder

Com tanto salmo rezado?” (p.26-28)

Uma das classes sociais mais criticadas ao longo da peça é certamente o clero, representado no personagem do frade Frei Babriel.

A sua entrada na peça já é chocante, pelo modo como é apresentado na obra: o frade chega ao porto dançando e cantando músicas profanas.

Em seguida, o frade traz consigo uma acompanhante, uma moça de nome Florença, que ele mesmo afirma ser sua companheira.

Neste trecho, percebe-se uma denúncia de quebra dos padrões e costumes da época, pois é sabido que os clérigos não podem se entregar a prazeres mundanos, como desfrute de músicas e danças profanas, nem desrespeitar o celibato.

O personagem é caracterizado com ênfase em elementos carnis e humanos. Ele representa o contexto histórico da época. A conduta contraditória do frei revela a tensão vivida no período de transição entre a literatura medieval e o humanismo.

Percebemos que, apesar do caráter moralista e das muitas referências ao cristianismo, em alguns momentos da obra essa tensão (teocentrismo/antropocentrismo) aparece de maneira precisa.

Um dos elementos considerados humanistas é o antropocentrismo, ter o homem como o centro do mundo. Apesar de o personagem ser um frei, as suas atitudes são extremamente mundanas, não se importando com o que pode ser dito e feito contra ele.

Fica, assim, evidente a contradição, um clérigo, que deveria servir apenas à Igreja, tendo seus desejos sexuais e prazeres condenados pelo catolicismo. Por isso, podemos considerar que tais inclinações do frei a querer desfrutar da vida profana são representações de ideais humanistas.

“DIABO: Esta barca é do barqueiro.
JUDEU: Passai-me por meu dinheiro.
DIABO: E o bode há cá de vir?
JUDEU: Pois também o bode há de vir.
DIABO: Que escusado passageiro!
JUDEU: Sem bode, como irei lá?
DIABO: Nem eu passo cabrões.
JUDEU: Eis aqui quatro tostões
E mais este aqui pagará.
Por vida do Semifará
Que me passeis o cabrão!
Quereis mais outro tostão?
DIABO: Nem tu há de vir cá.
(...)
DIABO: Sus, sus! Demos à vela!
Vós, judeu, irás à toa,
Que sois muito ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela.” (p.36 - 38)

Outro personagem de grande simbologia na obra é o Judeu. Ele representa a rejeição à fé católica com suas doutrinas e dogmas.

Chegando ao porto, ele aparece com um bode, símbolo do judaísmo, nas costas e pede ao barqueiro da Barca do Inferno para ir junto com o seu animal. O Diabo, porém, afirma que ele só poderia ir sozinho. Não se contentando com a resposta, o Judeu tenta subornar o Diabo.

Mesmo com tal suborno, o Diabo não passou o bode. Em seguida, até desiste de passar o Judeu. Ele é rejeitado pelo Diabo e também nem chega a falar com o Anjo. O Parvo também o rejeita e o afasta da Barca da Glória.

Tal contexto nos remete à situação do judeu no período de publicação da obra. Os judeus eram perseguidos pelos cristãos por suas crenças e valores diferentes, por não aceitarem a fé católica. Os que se convertiam ao cristianismo eram chamados **cristãos-novos**.

“(...)

CORREGEDOR: E onde vai o batel?

DIABO: No inferno vos poremos.

CORREGEDOR: Como? À terra dos demos

Há de ir um corregedor?

DIABO: Santo descorregedor,
Embarcai, e remaremos! (p.39)

(...)

DIABO: Quando éreis ouvidor

Nonne accepistis rapina? (“Acaso não aceitaste roubo?”)

Pois ireis pela bolina

Onde vossa mercê for...

Oh! Que isca esse papel

Para um fogo que eu sei!

CORREGEDOR: Domine, *memento mei!* (“Senhor,
lembra-te de mim!”)

DIABO: Non es tempus, bacharel! (“Não é tempo.”)

Imbarquemini in batel (“Sereis embarcado no batel”)

Quia judicastis malitia (“Porque apreciaste fraude.”)

CORREGEDOR: Sempre *ego justitia* (“Sempre fiz justiça”)

Fecit, e de bom nível.

DIABO: E as pleitas dos judeus

Que vossa mulher levava?

CORREGEDOR: Isso eu não o tomava

Eram lá percalços seus. (...)

DIABO: Et vobis *quoque cum ea*, (“E vós também com ela.”)

Não *temuistis Deus.* (“Temestes”) (p.40 - 41)

O trecho relata a chegada do corregedor e sua conversa com o Diabo, que logo o aborda, convencendo-o a entrar na Barca Infernal.

Percebemos, neste trecho, mais uma crítica à sociedade da época. Dessa vez, critica-se a conduta do corregedor, que, por lidar com leis, deveria ser justo e honrado. Porém, não é o que ocorre. A fala do Diabo evidencia que o corregedor realizava fraudes e atos ilícitos, aproveitando-se de sua profissão e posição social em benefício próprio.

A fala do Diabo evidencia também a pena que deve sofrer o corregedor, já que “apreciava fraude”: deve ser encaminhado para a Barca Infernal, pois não há outro caminho para ele. Há aqui, mais uma vez, a presença de valores e doutrinas cristãs. Sendo, pois, julgado pelos seus atos em vida, o corregedor é condenado por cometer fraudes em seu trabalho.

Ao afirmar: *Domine, memento mei!* (“Senhor, lembra-te de mim!”), percebemos que o corregedor se arrepende de seus feitos errôneos agora que se vê obrigado a seguir para o inferno. Mais uma vez, é possível perceber a doutrinação cristã presente neste trecho, que sugere o arrependimento dos pecados enquanto há tempo para salvar a alma.

O judeu é retomado de forma negativa. O Diabo questiona o envolvimento dele com o corregedor, sobre os subornos dados pelos judeus a sua esposa. Ele tenta se abonar da culpa, mas é fato que os dois eram culpados, ele e a esposa. Mais uma vez, evidencia-se a presença do judeu com alusão negativa na obra, o que denuncia a imagem negativa que se tinha dele à época.

Observe a crítica e a alusão feita à linguagem rebuscada, erudita dos profissionais da área de direito. Há trechos em que o corregedor fala em latim com o Diabo, evidenciando a erudição de sua formação. Porém, mesmo com toda essa erudição, ele é condenado ao inferno, não lhe servindo seu grande conhecimento acadêmico.

“DIABO: Venhais embora, enforcado!
Que diz lá Garcia Moniz?
ENFORCADO: Eu te direi o que ele diz:
Que fui bem-aventurado
Em morrer dependurado
Como o tordo na buiz,
E diz que os feitos que eu fiz
Me fazem canonizado.
(...)
ENFORCADO: Oh! Não agrada a Barrabás!
Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz
São livres de Satanás...
(...)
ENFORCADO: O Moniz há de mentir?
Disse-me que com São Miguel
Jantaria pão e mel
Tanto que fosse enforcado.
Ora, já passei meu fado,
E já feito é o burel.” (p.45 - 48)

Neste trecho, aparece o personagem que morreu enforcado. Conversando com o Diabo, ele justifica por que acredita que deveria ir à Barca da Glória e não na Infernal. Ele explica que foi incentivado por Garcia Moniz, Tesoureiro da Casa da Moeda de Lisboa, que o prometeu que se assim morresse teria a salvação.

A referência do personagem Enforcado ao Tesoureiro Garcia Moniz é verídica, pois ele é contemporâneo a Gil Vicente. Tal alusão é uma crítica direta ao tesoureiro, que engana o rapaz incentivando-o ao suicídio para obter um lugar no céu.

O Enforcado acredita cegamente nas palavras do tesoureiro. Mas, chegando ao porto, ele percebe que a situação é diferente. Nem mesmo a morte por enforcamento o salvaria do seu juízo, de seguir na Barca Infernal para pagar por seus pecados. Ele foi, por fim, enganado.

“Vigiai-vos, pecadores,
Que, depois da sepultura,
Neste rio está a ventura
De prazeres ou dolores!
À barca, à barca, senhores,
Barca muito nobrecida,
À barca, à barca da vida!

(...)

ANJO: Ó cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morreste pelejando
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo o mal,
Mártires da Santa Igreja,
Que quem morre em tal peleja
Merece paz eternal.” (p.50-51)

Neste trecho, já o final da peça, aparecem os cavaleiros que morreram na batalha dos cristãos contra os mouros. É possível reconhecer, mais uma vez, as doutrinas presentes em suas falas, aconselhando e mandando vigiar, pois, após a morte, há felicidade ou dores. Ou seja, o pecador será julgado de acordo com os seus atos em vida.

Na fala do Anjo, percebemos o reconhecimento pelo martírio dos cavaleiros que morreram por causa da palavra de Deus. O Anjo os esperava e apenas eles têm o direito de embarcar na Barca da Glória. Eles morreram na luta contra os mouros. Há elementos de doutrinação também na fala do Anjo, que afirma que, quem anda nos caminhos de Deus e morre por Ele, será salvo.

O Velho da Horta



Resumo da obra *O velho da horta*

O argumento da peça gira em torno do amor frustrado de um hortelão, um senhor rico, já de idade avançada, por uma moça jovem e esperta que vem à sua horta comprar verduras. O velho apaixona-se perdidamente pela moça, que, não correspondendo aos galanteios do inusitado amante, o ironiza e zomba.

O hortelão tenta de todas as formas conquistar sua jovem amada, obtendo, inclusive, a ajuda de uma alcoviteira nessa causa. Por fim, o homem não consegue o que pretendia, pois é enganado e extorquido pela alcoviteira, perdendo todos os seus bens. Dessa forma, a alcoviteira é presa, a moça casa-se honradamente com um homem de bem e o velho fica sozinho, arrependido por gastar sua rica fortuna em uma causa sem futuro, deixando desamparadas suas quatro filhas.

Importância do livro *O velho da horta*

A história de *O velho da horta* é identificada como gênero **farsa**, ou seja, é um tipo de **peça cômica e popular cuja ação, cenário e personagens são de simples elaboração**. O texto, apesar de ser uma peça, é escrito em versos; há uma contextualização ao início da história e pequenas **rubricas** ao longo das cenas. A linguagem do velho é carregada de romantismo e repleta de metáforas que recordam a poesia trovadoresca e palaciana portuguesa. A peça foi representada pela primeira vez em 1512, para o Rei D. Manuel.

Gil Vicente costuma ressaltar os tipos sociais em suas peças, sendo comum a crítica à sociedade portuguesa da época. Em *O velho da horta*, ele trata sobre o amor exacerbado e tardio. A abordagem oscila entre o ilusório e o irreal, representado na grande paixão do velho, e a prudência da realidade, representada na irônica moça. Tais características remetem à tensão relacionada ao contexto histórico da época entre a decadência da Idade Média e a ascensão do Classicismo.

Análise da obra

“VELHO: Que buscais vós cá, donzela,
Senhora, meu coração?
MOÇA: Vinha ao vosso hortelão,
Por cheiros para a panela.
VELHO: E a isso
Vinde vós, meu paraíso.
Minha senhora, e nada não?
MOÇA: Vistes vós! Segundo isso,
Nenhum velho não tem siso
natural.” (p.56)

Percebemos neste trecho a linguagem lírica e galanteadora que o velho utiliza para abordar a moça ao vê-la na horta.

Ele demonstra profunda emoção ao falar com ela, tentando comovê-la e convencê-la da veracidade de seu amor.

“VELHO: Tão depressa vinde vós,
Minha condessa,
Meu amor, meu coração!
MOÇA: Jesus! Jesus! Que coisa é essa?
E que prática tão avessa da razão.
(...)
MOÇA: E essa tosse?
Amores de sobreposse
Serão os da vossa idade:
O tempo vos tirou a posse.
VELHO: Mas amo como se moço fosse
Com a metade.” (p. 57)

Neste trecho, percebemos, mais uma vez, o **lirismo** presente na fala do velho, que tenta encantar a sua amada com suas palavras doces e delicadas.

A moça, em vão, tenta fazer com que o velho perceba a situação ridícula à qual se expõe ao dedicar-lhe galanteios. Expressando sua religiosidade, invocando Jesus, ela tenta despertá-lo para a realidade, dizendo que tal prática é avessa à razão.

A religiosidade do velho é apenas aparente, pois, ao início da peça, ele está rezando o Pai-Nosso, pedindo proteção divina. Mas suas atitudes denunciam seus pecados, já que, mesmo sendo casado, ele se apaixona por uma moça, inclusive bem mais jovem que ele, o que se configura adultério.

Neste trecho, a moça ironiza a condição do hortelão, por já ter uma saúde frágil, algo comum considerando a descrição do personagem — ela faz menção a sua tosse e a sua idade. Ao afirmar “O tempo vos tirou a posse”, ela relaciona que a condição de amar está atrelada à juventude, algo que o tempo já lhe tirou.

Em resposta à sátira da sua amada, o velho responde que “ama como se moço fosse”, ou seja, enfatiza a **ideia** de que o amor está atrelado à juventude. E que se sente tão fervorosamente apaixonado que imagina ser mais jovem. A referência da juventude aparece em contradição ao velho, pela conotação referente a beleza, liberdade, sem comprometerimentos. É mais uma dualidade estabelecida no texto.

“MOÇA: E qual será a desastrada que atende vosso amor?

VELHO: Oh, minha alma e minha dor,
Quem vos tivesse furtada!

MOÇA: Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer

Cuidará que estais vivo,
Ou que sois para viver!

VELHO: Vivo não quero ser,
Mas cativo!” (p.57)

Esse trecho, que traz novamente a fala do velho, recorda a **poesia palaciana** e as **cantigas trovadorescas**. Percebe-se a semelhança já a partir da temática, a “coita de amor”. O sofrimento pela rejeição da mulher amada, a tendência a reclusão (ser cativo), prisão e adesão à morte também são temáticas **frequentes** da poesia anterior a Gil Vicente.

“MOÇA: Já perto sois de morrer:
Donde nasce esta sandice,
Que, quanto mais na velhice, amais os velhos viver?
E mais querida,
Quando estais mais de partida,
É a vida que deixais?
VELHO: Tanto sois mais homicida,
Que, quando amo mais a vida,
Mais a tirais.
Porque a minha hora de agora
Vai vinte anos dos passados;
Que os moços namorados
A mocidade os escora.
Mas um velho,
Em idade de conselho,
De menina namorado...
Oh, minha alma e meu espelho!
MOÇA: Oh, miolo de coelho
Mal assado!” (p. 58 - 59)

Mais uma vez, a temática da morte se faz presente, agora na **ideia** de que a velhice é um sinal de que o fim da vida se aproxima.

O sofrimento por amor reaparece neste trecho em contraposição à vida. A antítese é dada pelas palavras **homicida x vida** e pela rejeição da moça em relação ao velho.

Novamente, percebemos a referência do amor atrelado à **ideia** de juventude, mocidade.

O velho demonstra ter consciência de sua condição, da incoerência de sua paixão repentina e do desprezo que sofre pela amada. Isso fica claro no trecho: “Mas um velho,/ Em idade de conselho,/ De menina namorado”.

Na fala da moça, observamos o tom irônico e satírico. Ela se refere à sandice do velho por “cabeça de coelho mal assado.” Tal tratamento confirma o desprezo da moça em relação ao velho.

“PARVO: Dono, dizia minha dona

Que fazeis vós cá até à noite?

VELHO: Vai-te daí, não te açoitae.

Oh! Dou, ó demo, a impostora

Sem saber!

PARVO: Diz que fosseis vós comer

E que não moreis aqui.

VELHO: Não quero comer, nem beber.

PARVO: Pois que haveis cá de fazer?

VELHO: Vai-te daí!” (p. 64)

O personagem Parvo, homem ingênuo, inocente, é funcionário do velho e tenta despertá-lo para a sua vida real, recordando-o das coisas do **dia a dia**. Entra em cena para trazer um recado de sua “dona”, a esposa do hortelão, que o chama para jantar. O Parvo Joane é um instante de realidade, é a vida real chamando o velho para que desperte de seu sonho.

O velho, porém, não está interessado em retomar a sua rotina. Ele prefere seguir sonhando com a sua amada, alimentando esperanças de talvez conquistá-la. Seu amor pela moça é tão grandioso que o faz esquecer sua esposa e filhas.

“MULHER: Hui! Que sina desastrada!
Fernandianes, que é isto?
VELHO: Oh, pesar de anticristo.
Com a velha destemperada!
Vistes ora?
MULHER: Esta dama, onde mora?
Hui! Infeliz dos meus dias!
Vinde jantar em má hora:
Que vos metestes agora
Em musiquias?
(...)
MULHER: Agora com ervas novas
Vos tornastes garanhão.
VELHO: Não sei que é, nem que não,
Que hei de vir a fazer trovas.
MULHER: Que peçonha!
Havei, infeliz vergonha
Ao cabo de sessenta anos,
Que sois já carranca.
VELHO: Amores de quem me sonha
Tantos danos!” (p.66 - 67)

O velho já trata sua esposa também por desprezo, pois esta representa para ele não um empecilho, mas a sua triste realidade. Tratando-a por “velha destemperada”, fica evidente que ela o incomoda e apenas o seu amor insano pela moça importa.

A mulher do velho sente-se inconformada com tal situação. Mesmo sendo casado, o velho está se engraçando por “ervas novas”, mulheres mais jovens. Neste trecho, há um tom moralista, pois o adultério é considerado um grave pecado pela fé católica e, portanto, deveria ser evitado, em nome de Deus e dos bons costumes.

A mulher do hortelão revela a idade do velho, motivo pelo qual ele deveria envergonhar-se — já tendo sessenta anos, ainda se apaixona por uma moça. Ele, por sua vez, faz pouco caso de sua esposa e continua em seu mundo de sonhos, a sonhar com sua amada.

“ALCOVITEIRA: Certo, oh, fadas!
Venho por misturadas,
E muito depressa ainda.
VELHO: Misturadas preparadas,
Que hão de fazer bem guisadas
Vossa vinda!
O caso é: sobre meus dias,
Em tempo contra razão,
Veio amor sem intenção
E fez de mim outro Macías
Tão penado,
Que de muito namorado
Creio que me culpareis
Porque tomei tal cuidado;
E do velho destampado
Zombareis.
ALCOVITEIRA: Mas, antes, senhor, agora
Na velhice anda o amor;
O de idade de amator
Por acaso se namora.” (p.68)

Neste trecho, apresenta-se a personagem Branca Gil, a Alcoviteira. O velho logo conta-lhe suas desventuras. Mais uma vez, pode-se notar a dualidade **razão x emoção** na fala do velho (Contra a razão/ Veio o amor sem intenção). Há ainda a **ideia** da consciência do velho de que seus atos são insensatos (E do velho destampado/ Zombareis).

A Alcoviteira Branca Gil parece se interessar pela causa do velho, demonstrando compreender tal situação. Conforme já vimos anteriormente, uma característica típica do teatro de Gil Vicente é a criação de tipos sociais. A alcoviteira é uma mulher que se aproveita da situação do velho e finge ajudá-lo, quando na verdade o explora, extorquindo todos os seus bens.

“VELHO: Oh! Coitado!
Ai triste destinado!
Ainda torno a viver;
Cuidei que já era livrado.
ALCOVITEIRA: Que esforço de namorado
E que prazer!
Que hora foi aquela?
VELHO: Que remédio me dais vós?
ALCOVITEIRA: Vivereis, prazendo a Deus,
E casar-vos-eis com ela.
VELHO: É vento isso!
ALCOVITEIRA: Assim veja o paraíso,
Que não é agora tão extremo.
(...)
VELHO: Ide-lhe, logo, falar,
E fazei com que me queira,
Que pereço;
E dissei-lhe que lhe peço
Se lembre que tal fiquei
Estimado em pouco preço.
E se tanto mal mereço
Não o sei.” (p. 74 - 75)

O velho, retornando após um desmaio, recorda seu desatino e sorte: um velho apaixonado por uma jovem que o despreza amargamente. Este trecho nos remete, mais uma vez, ao sofrimento, a coita de amor cantada pelos trovadores portugueses.

A Alcoviteira aceita ser mediadora do caso do velho com a moça e promete que ela casará com ele.

A missão da Alcoviteira é fazer com que a moça se interesse pelo velho. Para isso, ela usa a desculpa de comprar muitos presentes para a moça e também receber algo em troca do feito. Fica claro o interesse da Alcoviteira em apenas obter lucros com tal caso. Esta personagem representa também uma crítica à sociedade portuguesa, com seus vícios e costumes.

“VELHO: Venhais em boa hora, minha amiga!

ALCOVITEIRA: Já ela fica de bom jeito;

Mas, para isto andar direito,

É razão que eu vos diga.

Eu já, senhor meu, não posso

Vencer uma moça tal

Sem gastardes bem do vosso.

VELHO: Eu lhe pagarei em grosso.

ALCOVITEIRA: Aí está o feito nosso,

E não em al.

Perca-se toda a fazenda

Por salvardes vossa vida.” (p.75 - 76)

Nesse trecho, a alcoviteira justifica o porquê da necessidade de “gastar bem do vosso”, gastar o dinheiro do velho em mimos para a moça e, obviamente, para ela também, pois é tão interesseira que consegue enganar e deixar o velho ainda mais esperançoso (Perca-se toda a fazenda/ Por salvardes vossa vida).

O velho, visando colher os frutos do empenho de sua mediadora, decide pagar qualquer quantia (“Eu lhe pagarei em grosso”) para que a sua vontade se realize.

“ALCAIDE: Dona, levantai-vos daí!

ALCOVITEIRA: E que me quereis vós assim:

ALCAIDE: À cadeia!

VELHO: Senhores, homens de bem,

Escutem vossas senhorias.

ALCAIDE: Deixai essas cortesias!

ALCOVITEIRA: Não tenho medo de ninguém:

Vistes agora?

(...)

ALCOVITEIRA: Está já a carocha aliviada.

Três vezes fui já açoitada,

E, enfim, hei de viver.” (p. 77-78)

Este trecho traz o momento em que as explorações da Alcoviteira são descobertas e ela é presa por uma autoridade da época. Mesmo depois de tanto explorar, em benefício próprio, o velho — que até aqui se apresentava como um homem destampado, sem razão —, ela tem o seu castigo.

A Alcoviteira, mesmo tendo sido pega e condenada ao açoite (chicotadas), não se arrepende de seus atos. Ela afirma já ter passado por tal situação e faz pouco caso de sua pena (Três vezes fui já açoitada/ E, enfim, hei de viver).

Tal afirmação revela a experiência de Branca Gil, que tantas vezes já se envolveu em casos semelhantes, sofreu a mesma pena e ainda segue em vida. Percebemos o tom moralizante da obra ao mostrar que a Alcoviteira, mesmo sofrendo por seus atos ilícitos, não se arrepende. Não deixa o seu orgulho se abater.

“VELHO: Quero ir buscar a morte,
Pois que tanto mal busquei.
Quatro filhas que criei,
Eu as pus em pobre sorte.
Vou morrer,
Elas hão de padecer,
Porque não lhes deixo nada
De quanta riqueza e haver
Fui sem razão despende
Mal gastada.” (p.80)

No final da peça, depois da prisão de sua mediadora e da notícia do casamento de sua amada, o velho se desilude, deseja a morte, não vê mais sentido para sua vida.

Ao contrário do ocorrido com a Alcoviteira, o velho se arrepende de seus atos errôneos. Ao cair em si, ele percebe que gastou toda a sua fortuna na esperança de conquistar a moça e que esqueceu da própria família, deixando a mulher e as quatro filhas desamparadas. Ele mesmo assume que sua atitude foi “sem razão” e a sua fortuna “mal gastada”.

A moral é retomada neste trecho final do livro, buscando ensinar que tais atitudes impensadas podem trazer **consequências** irre recuperáveis, induzindo o público a refletir sobre isso.